



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

Giovanna Nascimento Alves

**ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS DE 1960: A CAMPANHA DE JÂNIO QUADROS
E HENRIQUE TEIXEIRA LOTT NAS PÁGINAS DA REVISTA MANCHETE
(1959-1960).**

Brasília/DF
Dezembro 2018

Giovanna Nascimento Alves

**ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS DE 1960: A CAMPANHA DE JÂNIO QUADROS
E HENRIQUE TEIXEIRA LOTT NAS PÁGINAS DA REVISTA MANCHETE
(1959-1960).**

Monografia de conclusão do curso de graduação apresentada ao Departamento de História da Universidade de Brasília, por Giovanna Nascimento Alves, como requisito para obtenção do título de licenciada e bacharela em História, sob orientação da Professora Dra. Ione de Fátima Oliveira.

Profa. Dra. Ione de Fátima Oliveira – HIS/UnB
(Professora-orientadora)

Profa. Dra. Léa Maria Carrer Iamashita – HIS/UnB
(Professora - Membro da Banca)

Prof. Dr. Antônio José Barbosa – HIS/UnB
(Professor - Membro da Banca)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que contribuíram de alguma maneira para a realização deste trabalho. Em especial, sou grata aos meus pais por serem, ao longo de toda a minha vida, a força que me guia e me faz seguir adiante; aos meus irmãos, Hyorrana, Rafael e Ricardo, por terem sido a minha primeira fonte de conhecimento e me ensinarem que aprender é muito bom, mas que bom mesmo é compartilhar o que aprendemos; à Professora Ione, pela paciência e orientações tão fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho.

Para os meus pais, Marta e Francisco.

A campanha eleitoral de 1960 ficou conhecida no anedotário político. Dois dos candidatos à Presidência da República eram nitidamente figuras antipartidárias – Jânio e Lott –, enquanto o terceiro – Adhemar – era um chefe personalista que dominava um partido próprio. Um clima propício ao surgimento de lideranças apartidárias, num desafio evidente ao processo de institucionalização democrática.

Maria Celina D'Araújo.

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo a análise crítica da publicidade eleitoral feita pela Revista **Manchete** sobre os candidatos Jânio Quadros e Henrique Teixeira Lott durante o período de campanha para as eleições presidenciais de 1960. A **Manchete** foi um periódico de grande circulação e visibilidade durante os quarenta e oitos anos em que esteve no mercado, e no decorrer da campanha presidencial, a revista apresentou diversas edições que contemplam matérias sobre os candidatos e as eleições. O trabalho disserta sobre as campanhas eleitorais dos dois candidatos e analisa possíveis relações de parcialidade apresentadas nas narrativas das matérias do periódico em relação aos presidencialistas.

Palavras chave: Eleição presidencial, Jânio Quadros, Henrique Teixeira Lott, Revista **Manchete**.

ABSTRACT

This paper aims at the critical analysis of the electoral publicity made by **Manchete** Magazine about the candidates Jânio Quadros and Henrique Teixeira Lott during the campaign period for the presidential elections of 1960. The **Manchete** was a periodical of great circulation and visibility during the forty and Eight years in which it was in the market and during the presidential campaign, the magazine presented several editions that contemplate subjects on the candidates and the elections. The paper discusses the electoral campaigns of the two candidates and analyzes possible relations of biases presented in the narratives of the journal's articles in relation to the presidential candidates.

Keywords: Presidential election, Jânio Quadros, Henrique Teixeira Lott, **Manchete** Magazine.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
CAPÍTULO I – O BRASIL A CAMINHO DAS ELEIÇÕES (1959-1960)	
1.1 – Os Anos finais do governo Juscelino Kubistchek.....	12
1.2 – A pré-campanha: coligações, arranjos partidários e definições das chapas.....	16
1.3 – A imprensa na campanha eleitoral: “Aconteceu, virou Manchete”.....	21
CAPÍTULO II – A CANDIDATURA DE JÂNIO QUADROS	
2.1 – Um início conturbado: a retirada da candidatura.....	25
2.2 – Jânio vem aí: a proximidade com a camada popular e a formação do movimento Jan-Jan.....	30
2.3 – A ambiguidade do discurso moralista: afinal, a vassoura varre o quê?	33
CAPÍTULO III – A CANDIDATURA DO MARECHAL TEIXEIRA LOTT	
3.1 – Golpe preventivo e nascimento da simbologia da espada: uma vida pela legalidade.....	41
3.2 – O condutor que guiará a nação? Propostas e desenvoltura política.	46
3.3 – Ausência de apoio político e a indesejável relação com o comunismo.....	50
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	56
FONTES.....	58
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	60

Introdução.

Este trabalho possui como tema a divulgação de notícias acerca dos candidatos Jânio Quadros (JQ) e Henrique Teixeira Lott e como as imagens dos dois candidatos foram construídas durante a campanha presidencial de 1960. Além da produção historiográfica a respeito do assunto, foram pesquisadas matérias veiculadas pela revista **Manchete** durante a campanha eleitoral em 1959 e 1960.

O pleito de 1960 foi o primeiro após a proclamação da República a eleger um candidato de oposição. Para tanto foram lançadas três chapas. Jânio Quadros, inicialmente apoiado pelo Movimento Popular Jânio Quadros (MPJQ) e, posteriormente, teve sua candidatura homologada pela União Democrática Nacional (UDN). Seu vice de chapa era Milton Campos da UDN. O general Henrique Teixeira Lott representava o Partido Social Democrático (PSD) e conseguiu o apoio do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), tendo como vice João Belchior Goulart, também do PTB. Adhemar de Barros se candidatou pelo Partido Social Progressista (PSP) e seu vice foi Fernando Ferrari do PDC.

As eleições para presidente e vice-presidente da República ocorreram no dia três de outubro de 1960 e compareceram às urnas 12.586.354 eleitores, o que representou 80,97 % do eleitorado.¹ Esse processo eleitoral foi marcado por inúmeras controvérsias e acordos políticos, desde a escolha dos candidatos dentro das organizações partidárias, perpassando pela formação das bases de apoio que contou com lideranças importantes no cenário político. Carlos Lacerda apoiou Jânio Quadros e o então presidente da República, Juscelino Kubistchek, foi favorável à candidatura do Marechal Teixeira Lott. Apesar do peso político de Kubistchek, Jânio Quadros foi vitorioso por causa da inteligibilidade de seu discurso e da fragmentação partidária no período.

A divulgação sobre a campanha e os candidatos teve início um ano antes do pleito, ou seja, em 1959. Até pouco tempo antes da eleição é possível identificar matérias em revistas que veiculavam informações sobre os candidatos e as eleições.² Tanto Jânio Quadros quanto o Marechal Henrique Teixeira Lott fizeram uso intenso de recursos da propaganda para promoverem as suas imagens. A utilização dos meios de

¹ Brasil. TSE. Dados Estatísticos. Vol. 5: **Eleições federais e estaduais, realizadas no Brasil em 1960**. Departamento de Imprensa Nacional. Disponível em: <http://bd.camara.gov.br/bd/handle/bdcamara/13037>. Acessado em: 24/06/2018.

² Revista **Manchete**. Edição 441. 01/10/1960. Disponível em: <http://www.youblisher.com/p/1110955-Manchete-441-1-out-1960/>. Acessado em: 20/05/2018.

comunicação, tais como jornais, revistas, jingles, realização de comícios, distribuição de santinhos e outros, representou a tentativa de se criar uma determinada imagem política com o objetivo de moldar a opinião pública e direcioná-la para a conquista do apoio eleitoral, visando a vitória nas urnas.

Segundo Jefferson José Queller, a publicidade por meio de revistas desempenhou um importante papel na formação do imaginário sócio-político dos eleitores sobre as figuras dos candidatos, uma vez que nelas aparecem reportagens, fotos e ilustrações que foram lidas, retransmitidas e interpretadas por um grande número de pessoas no país.³ As matérias sobre os candidatos e as eleições de 1960, veiculadas pela revista **Manchete**, revelaram parcialidade ao exaltarem a imagem do Marechal Lott e ressaltarem aspectos negativos de Jânio Quadros, contudo o eleitorado preferiu o candidato apoiado pela UDN. Essas matérias possibilitaram maior divulgação do Marechal nas áreas em que ele não era conhecido ou onde os eleitores ainda não haviam decidido em quem votar: se em Lott, Jânio ou Adhemar.

O interesse em estudar os meios comunicacionais e suas influências durante os períodos eleitorais se desenvolveu ao longo do meu curso de graduação em História junto à Universidade de Brasília. Ao ter contato com documentos, arquivos e disciplinas relacionadas ao estudo da imprensa e sua estreita relação com a política, minha curiosidade acadêmica se concretizou em analisar como a parcialidade da imprensa refletiu e continua refletindo na construção do imaginário político. Esse processo de difusão de informações que não se restringe somente a candidatos e suas imagens durante o período eleitoral, mas em pequenas coisas da vida cotidiana, como produtos, moda, comportamento e outros. Também revela como a imprensa assume um lugar de palanque à propagação de ideias e às concepções de determinados grupos sociais.

Essa pesquisa tem por objetivo analisar os aspectos mais significativos das figuras dos candidatos, construídas durante suas experiências políticas. A partir da análise das fontes e da historiografia nosso objetivo foi elucidar alguns aspectos do contexto eleitoral, identificar possíveis relações de parcialidade nas matérias jornalísticas feitas pela Revista Manchete durante a campanha presidencial, e analisar a

³ QUELER, Jefferson José. Entre o mito e a propaganda política: Jânio Quadros e a sua imagem pública (1959-1961). Dissertação. (Dissertação em história). Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2008. P.25.

posição assumida pelo periódico, a partir do contraste feito entre as características e ideias dos dois candidatos e a possível influência na opinião do eleitorado .

Assim, este trabalho é estruturado em três capítulos: O primeiro se destina a contextualizar o processo eleitoral de 1959 e 1960, destacando: a conjuntura de crise econômica e política em que o Brasil se encontrava no final do governo Juscelino Kubistchek; os arranjos e as negociações partidárias realizadas até a decisão final da composição das chapas; e a apresentação da revista **Manchete**, sua estrutura e relação com o pleito presidencial.

O segundo trata da figura de Jânio Quadros e sua vivência política, perpassando pelo nascimento da simbologia da vassoura, sua escolha como candidato à presidência, a retirada da candidatura e posterior retomada à corrida presidencial. Por fim, as propostas janistas em campanhas anteriores que contribuíram para emoldurar de sua pauta e imagem eleitoral em 1960.

O último capítulo elucida a campanha eleitoral do Marechal Teixeira Lott, analisando suas relações com o presidente Kubistchek, a apresentação do militar como sucessor dos projetos desenvolvimentistas de JK, a alusão à sua imagem e experiência militar associada à defesa da democracia e da ordem, e ao final, como diversos fatores internos e externos acabaram por prejudicar a desenvoltura de sua campanha.

Capítulo 1 – O Brasil a caminho das eleições (1959/1960).

1.1 – Os anos finais do governo Juscelino Kubistchek.

Em 1955, durante sua campanha presidencial, o mineiro Juscelino Kubistchek de Oliveira (1902-1976), candidato pelo Partido Social Democrático (PSD), já anunciava seu ousado plano de desenvolver o Brasil “cinquenta anos em cinco”. O pensamento econômico desenvolvimentista de JK foi orientado e executado pelo Plano de Metas que visava crescimento econômico e forte industrialização.

O Plano de Metas contemplava cinco áreas prioritárias: energia, transportes, indústrias básicas, alimentação e educação, sendo destinado um maior número de recursos para as três primeiras áreas. As cinco áreas foram subdivididas em trinta metas, e sintetizadas na trigésima primeira (31º) meta: a construção da nova capital, Brasília.

Segundo Ricardo Bielschowsky nos primeiros dias de seu mandato, JK instalou o Conselho de Desenvolvimento Econômico responsável por formular e coordenar a política de investimentos e promoveu “desde o início, uma série de estudos econômicos setoriais realizados de forma a subsidiar o planejamento econômico”⁴. No primeiro ano de governo, ou seja, 1956, a indefinição dos rumos econômicos que acompanhou a crise política dos anos anteriores já estava ultrapassada: a ideologia do desenvolvimentismo tornou-se a retórica oficial do governo.

A política de investimento representou o eixo central da política econômica do governo de Kubistchek que via nas questões monetárias e cambiais a solução para o atraso do desenvolvimento econômico, ainda que o resultado apresentasse “uma inflação crescente e dificuldades no balanço de pagamentos”.⁵

De acordo com Maria Victoria Benevides o projeto desenvolvimentista apresentava vantagens em relação ao nacionalismo de herança varguista que o tornava “mais atraente, mais pragmático, como recurso dos mais eficientes, tanto para a

⁴ BIELSCHOWSKY. Ricardo. **Pensamento econômico brasileiro: o ciclo ideológico do desenvolvimentismo**. 5. Ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000. P. 401.

⁵ BIELSCHOWSKY. Ricardo. **Ibid.** P. 401-402.

mobilização quanto para a legitimação do governo”.⁶ Assim, o desenvolvimentismo atendeu de forma distinta as diversas camadas sociais.

Para a burguesia industrial em expansão, ao contrário do getulismo, o desenvolvimentismo evitava a ênfase na intervenção estatal na economia. Para os trabalhadores, o nacionalismo podia ser uma abstração, uma palavra de ordem, uma bandeira, um ideal, e o desenvolvimentismo era concreto porque dele emanavam frutos imediatos como o atendimento às demandas específicas por emprego e serviços básicos. Já para os militares o desenvolvimentismo representava o que mais tarde seria identificado como a ideologia do “Brasil grande potência” através da multiplicação de recursos para o aparelhamento bélico, comunicação e transportes.⁷

Contudo, no final do governo de JK, mais especificamente no primeiro semestre de 1959, houve o crescimento da oposição ao seu governo. Os defensores do nacionalismo radical afirmavam que a industrialização do Brasil estava ameaçada de “estrangulamento” por causa dos capitais estrangeiros e com o crescimento da inflação esse discurso ganhou escopo. O Fundo Monetário Internacional (FMI) se tornou símbolo da incompreensão dos problemas sociais do Brasil pelas potências capitalistas, além de ter se tornado bode expiatório das medidas de estabilização que o governo adotou.⁸

Bielschowsky apresenta os dados sobre a taxa crescente de inflação do governo de JK (1956-1961). O primeiro ano de governo apresentou uma taxa de 24,4% de inflação contra 12,4% no ano anterior. Em 1958, a taxa foi de 24,3% e nos anos seguintes 39,5%, 30,5% e 47,7%, respectivamente. Além do rompimento com FMI, houve o abandono do Programa de Estabilização Monetária, encabeçado por Lucas Lopes, na tentativa de negociar a crescente dívida externa brasileira.⁹

A substituição de importações, a entrada massiva de capital estrangeiro, a inflação crescente e o endividamento externo brasileiro foram alguns aspectos negligenciados durante o governo de Kubitschek capazes de transformar o

⁶ BENEVIDES, Maria Victoria. A esperança como fator de desenvolvimento. In GOMES, Ângela de Castro (org.). **O Brasil de JK**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002. P. 31

⁷ BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. A esperança como fator de desenvolvimento. P. 31. 31.

⁸ SKIDMORE, Thomas. **Brasil: de Getúlio a Castelo**. 13 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003. P. 217-218.

⁹ BIELSCHOWSKY, Ricardo. **Ibid.** 402-403.

“desenvolvimentismo, otimismo generalizado e tolerância política”¹⁰ dos anos dourados em um período de crise financeira e insatisfação popular.

Nesse sentido, Maria Benevides destaca dois aspectos que marcaram o final do governo de JK:

1) A crescente insatisfação de vários setores sociais com a alta do custo de vida, despertados para a participação reivindicatória pelos frutos do desenvolvimento num governo politicamente aberto.

2) A transformação gradativa do sistema partidário, com a decadência dos grandes partidos conservadores – Partido Social Democrático e União Democrática Nacional –, o crescimento do Partido Trabalhista Brasileiro e de agremiações interpartidárias, como consequente processo de realinhamento.¹¹

A sociedade brasileira havia se tornado mais complexa e diversos setores estavam mais mobilizados e com pautas políticas conflitantes. Contudo, esses interesses eram representados de forma imperfeita no sistema partidário. Muitos parlamentares ainda viam sua tarefa nos termos do mundo político anterior a 1930, ou seja, entendiam seu papel com a função de distribuir as verbas públicas e obter favores para os seus correligionários, mantendo vivo o estilo “clientelista” típico da política tradicional. As eleições presidenciais que se aproximavam, apenas acentuaram essa distância entre o governo federal e a maioria dos eleitores representados no Congresso Nacional.¹²

A mobilização entre os camponeses a partir do fim da década de 1950 representou uma potencial ameaça, na medida em que as exigências por terras e melhores salários feitas por estes grupos colidiam com os interesses dos proprietários de terra. Os sinais do engajamento político dos setores urbano e rural amedrontavam os grupos que tinham mais a perder se o equilíbrio de forças no cenário político fosse alterado pelos políticos reformistas. Os proprietários rurais, a burguesia industrial, as classes médias urbanas, ainda ligadas aos proprietários rurais e inseguras quanto à manutenção de seu *status quo* futuro numa sociedade em rápidas mudanças, e os grupos militares, cuja aversão ao reformismo se justificava em parte pelo medo da perda de posição de árbitro político e pelos próprios dilemas sobre a defesa das estratégias

¹⁰ BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. **O governo Jânio Quadros**. São Paulo: Brasiliense, 1981.P. 19.

¹¹ BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. **O governo Jânio Quadros**. P. 20.

¹² SKIDMORE, Thomas. **Ibid.** P. 224.

adequadas para o desenvolvimento do Brasil, temiam mudanças sociais.¹³ As demandas não se limitavam à criação de empregos e investimentos em obras públicas, mas sim começava a se reivindicar uma maior participação política, econômica e social. Começou se a colocar em voga a legitimidade do sistema político, uma vez que o governo não satisfazia institucionalmente essas necessidades.¹⁴

O período que antecede as eleições de 1960, ou seja, os meses finais do governo de Juscelino Kubitschek foram marcados pela impopularidade do então presidente, que encerrava seu mandato com a economia em crise, alta taxa de inflação e denúncias de corrupção. O legado do projeto nacional desenvolvimentista de Kubitschek custou ao Brasil o aumento da dívida interna e externa, em grande parte devido ao financiamento estrangeiro para o desenvolvimento do parque industrial no Brasil, os gastos exorbitantes e o superfaturamento com a construção de Brasília.

O período também assistiu ao começo de uma radicalização política no Brasil. O questionamento sobre uma possível ampliação da participação pública no sistema político agudizou a questão do voto estendido aos analfabetos e como essa ampliação do eleitorado poderia alterar o equilíbrio político. Outro fator que contribuiu para a radicalização foi a política econômica. Defensores de fórmulas econômicas conflitantes apresentaram suas respectivas propostas, mas nenhuma tinha vínculos com a totalidade setores sociais.¹⁵

A distância entre a sociedade que passava por um processo de mudança e a capacidade de reação do sistema político foi agravada pela necessidade de continuação do crescimento econômico. Com uma política de improvisação em todos os campos, JK havia esgotado o potencial do sistema político herdado de Vargas. O agravamento dos conflitos sociais era iminente e refletiu profundamente no processo político formal nos anos finais de seu governo.¹⁶

Segundo Benevides, estes fatores estavam inseridos em um contexto mais amplo do que apenas insatisfação popular e crise financeira, eles refletiam a natural instabilidade institucional brasileira evidenciada por um Estado forte e uma sociedade vulnerável. A combinação desses aspectos atrelados ao vácuo institucional,

¹³ SKIDMORE, Thomas. *Ibid.* P. 223.

¹⁴ BENEVIDES, Maria Victoria. *O governo Jânio Quadros*. P. 20.

¹⁵ SKIDMORE, Thomas. *Ibid.* P. 223.

¹⁶ SKIDMORE, Thomas. *Ibid.* P. 225.

desorganização partidária e crise econômica, resultaria na ascensão de Jânio Quadros à presidência.

1.2 – A pré-campanha: coligações, arranjos partidários e definições das chapas.

A campanha eleitoral para a sucessão de JK teve início oficialmente em 1959, porém até a definição final da composição das chapas que concorreram às eleições houve diversas mudanças, arranjos e acordos por parte das organizações partidárias. A crise econômica e desorganização política, marcantes no fim do governo JK, obrigaram os partidos políticos a repensarem a escolha de seus candidatos e reestruturar suas propostas em torno das necessidades do eleitorado.

A filiação partidária de Jânio Quadros foi conturbada até sua escolha como candidato à presidência da República apoiado por vários partidos opositores. Quadros se elegeu em 1953 e 1954 a prefeito da cidade de São Paulo e governador do estado paulista, respectivamente, pelo Partido Democrata Cristão (PDC). Ao chegar à prefeitura de São Paulo, Jânio derrotou uma coligação poderosa que incluía a UDN, o PSD, PTB, PR, adhemaristas e comunistas. Nas eleições para governador, Quadros foi vitorioso sobre o seu mais poderoso opositor, Adhemar de Barros – que concorreu pela legenda do PSP. Nesse período, Jânio já estava rompido com o PDC, se aproximava de uma ala dissidente do PTB e também recebia apoio do PTN.¹⁷

Em 1957, declarou encerrada a sua carreira política. Porém o abandono da vida política durou pouco tempo. Reunidos na Associação Brasileira de Imprensa, os correligionários de Quadros fundaram uma organização suprapartidária, o Movimento Popular Jânio Quadros (MPJQ) em abril de 1959, e lançaram Jânio Quadros como candidato à presidência da República. Em meados de 1959, após uma longa conversa com Jânio Quadros, Carlos Lacerda retirou seu apoio a Juracy Magalhães, governador do estado da Bahia, e passou a apoiar Quadros à presidência da República. Logo após o Partido Trabalhista Nacional (PTN) oficializar o nome de Quadros como candidato, outras agremiações políticas como o Partido Democrata Cristão (PDC), o Partido Libertador (PL) e o Partido Republicano (PR) também apoiaram sua candidatura. Na

¹⁷BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. **O governo Jânio Quadros**. P. 13.

convenção da UDN realizada em novembro de 1959, por 205 votos contra 83, a candidatura de Quadros foi homologada.¹⁸

Segundo Maria Benevides¹⁹, o alinhamento de Quadros com a UDN e com Carlos Lacerda refletiu o cenário de interesses políticos e partidários que se estabeleceram durante as eleições. A UDN, que mantinha em sua essência um discurso antipopulista, juntamente com Lacerda, enxergou em Jânio Quadros o candidato que iria favorecer a derrota eleitoral da “oligarquia pessedista e o trabalhismo em ascensão”. Ambiguidade e contradição também eram características marcantes da figura de JQ, que nunca se definiu claramente acerca de Getúlio Vargas. Ora getulista, ora antigetulista, Jânio cortejava setores da esquerda e os comunistas e depois os considerava, publicamente, como “irrecuperáveis para a democracia”.²⁰

Henrique Teixeira Lott foi o candidato lançado pelo Partido Social Democrático (PSD) e representava o sucessor de Juscelino. Lott compunha chapa com João Goulart do PTB. Essa coligação partidária era fruto da então dobradinha vitoriosa Kubitschek e Goulart, PSD-PTB, que representava a união de interesses desenvolvimentistas, trabalhistas e reformistas.²¹

A aliança entre PSD e PTB, não teve início com JK e João Goulart em 1955. O PTB foi instituído em 1945 apenas um mês depois da criação da UDN e do PSD e nas eleições presidenciais de 1945 pessedistas e trabalhistas se articularam em torno da candidatura de Eurico Gaspar Dutra. O apoio de Vargas foi decisivo para a vitória do general que derrotou o brigadeiro Eduardo Gomes da UDN.

Sobre as convergências entre os dois partidos, Ângela de Castro Gomes afirma que:

o PSD e o PTB emergem como a solução pragmática possível num contexto em que as presenças de um significativo partido de oposição (a UDN), e de uma forte esquerda organizada (o Partido Comunista, PCB) forçava a tomada imediata de decisões políticas.²²

¹⁸ MARKUN, Paulo; HAMILTON, Duda. **1961: o Brasil entre a ditadura e a guerra civil**. São Paulo: Benvirá, 2011. P.31-35.

¹⁹ BENEVIDES, Maria Victória. **A UDN e o udenismo: a ambigüidade do liberalismo brasileiro 1945-1965**. São Paulo: Paz e Terra, 1981. P. 29-32.

²⁰ BENEVIDES, Maria Victoria. **O governo Jânio Quadros**. P. 14.

²¹ CASTRO, Viriato de. **Espada x Vassoura: Marechal Lott**. SP: Palácio do. Livro, 1959. P. 45.

²² GOMES, Ângela de Castro. **Uma breve história do PTB**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2002. Trabalho apresentado na Palestra no I Curso de Formação e Capacitação Política, realizado na Sede do PTB. São

O PTB e o PSD, embora naquele momento não apresentassem unicidade nas negociações políticas lançaram o nome de Lott como candidato. A indicação do marechal Lott não agradou ao PTB e sua posição favorável ao trabalhismo. Além disso, o presidenciável não era capaz de entusiasmar os eleitores como seu mais forte concorrente JQ. Com os indícios apontando para a derrota do candidato pessedista, a campanha eleitoral experimentou a formação de uma chapa informal: a criação do movimento Jan-Jan. Combinando os candidatos Jânio Quadros e o João Goulart, o movimento recebeu incentivo de JQ que reconhecia a força do PTB nos centros urbanos e incentivava o eleitorado a votar na dupla ao invés de apoiar seu candidato de chapa à vice-presidência, Milton Campos.²³

Assim, JK mantinha seu discurso de neutralidade diante a candidatura de Lott e do movimento Jan-Jan, até ser pressionado por João Goulart que ameaçou retirar sua candidatura caso não fossem tomadas atitudes para que a campanha sucessória obtivesse êxito. Somente em outubro de 1959, JK deu seu apoio oficial à candidatura de Lott.²⁴ Sua participação na campanha do marechal se deu de forma fria e distante, revestido de interesse pessoal. A falta de engajamento político, os entraves entre o PTB e o PSD e a falta de verba foram empecilhos que permearam a campanha de Lott desde o início.

A cena política não se restringiu apenas a disputa entre esses dois candidatos, houve um terceiro presidenciável que disputou o cargo de chefe máximo de governo: Adhemar de Barros se candidatou pelo Partido Social Progressista (PSP) e compunha chapa com Fernando Ferrari do PDC.

Adhemar de Barros era um político astuto e hábil. Possuía a consciência que o jogo político se fazia reconhecendo quem eram seus aliados e seus adversários. Sua política dualista dividia os personagens desse jogo entre as categorias do bem ou mal. Os considerados do bem eram seus aliados, os maus eram seus opositores. Obviamente, se colocava no lado do bem, argumentando que somente ele poderia verdadeiramente

Paulo, 13.jul.2002. P. 2. Disponível em: https://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arg/1280.pdf Acessado em: 02/08/2018.

²³ GOMES, Ângela de Castro; FERREIRA, Jorge. **Jango: as múltiplas faces**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007. P. 114-115.

²⁴ COUTINHO, Amélia. Henrique Batista Duffles Teixeira Lott. CPDOC-FGV. Verbete. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/henrique-batista-duffles-teixeira-lott>. Acessado em: 11/11/2018.

levar o Estado de São Paulo e, durante sua campanha presidencial, o Brasil, “para frente e para o alto”²⁵.

Durante a campanha presidencial, Adhemar afirmava que os demais candidatos representavam grandes ameaças para a democracia brasileira. Sua campanha se baseava na ideia de que ele era o único candidato competente e possuidor de um programa concreto para o Brasil, sendo os outros postulantes ao cargo presidencial, verdadeiras ameaças à democracia.²⁶

Adhemar utilizou, assim como os demais candidatos, meios comunicacionais como rádios, periódicos e cinema para fazer sua propaganda política. Fez uso dos símbolos de campanha de Quadros e Lott, vassoura e espada, respectivamente, para caracterizá-los como representantes do mal. A vassoura foi apontada como ícone de feitiçarias e a espada como um item que presumia prepotência e força. O candidato afirmava: “É por isso que o povo já anda dizendo, com a sua força e sabedoria divina, que entre a força do mal e o mal da força, simbolizados na vassoura e na espada, eu sou o caminho”²⁷.

A Constituição de 1946 estabelecia que as eleições para presidente e vice-presidente da República deveriam ocorrer de forma simultânea em todo território nacional, cento e vinte dias antes do término do mandato anterior.²⁸ Diferente do que estabelece a Constituição de 1988 – um mandato de apenas quatro anos, com direito a uma reeleição no período subsequente²⁹ – os eleitos cumpririam um único mandato de cinco anos e a eleição não vinculava as chapas eleitorais, ou seja, os candidatos concorriam de forma independente aos cargos de presidente e vice-presidente.³⁰ A Constituição de 1946 também estabelecia a inelegibilidade para os cargos de presidente

²⁵ COUTO, Ari Marcelo Macedo. **Adhemar de Barros: práticas e tensões políticas no poder**. São Paulo: EDUC, 2009. P. 68.

²⁶ COUTO, Ari Marcelo Macedo. **Ibid.** P. 69

²⁷ COUTO, Ari Marcelo Macedo. **Ibid.** P. 69.

²⁸ BRASIL. Constituição (1946). **Constituição de 1946 dos Estados Unidos do Brasil**. Câmara dos Deputados. Rio de Janeiro, 18 de set. 1946. Capítulo III. Seção I. Artigo 81. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao46.htm Acessado em: 11/06/2018.

²⁹ BRASIL. Constituição (1988). **Constituição de 1988 da República Federativa do Brasil**. Câmara dos Deputados. Brasília. Artigo 81 e Artigo 14, § 5º. De acordo com redação da emenda constitucional nº. 16, de 04 de junho de 1997. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm. Acessado em: 11/06/2018.

³⁰ BRASIL. **Constituição (1946). Constituição de 1946 dos Estados Unidos do Brasil**. Câmara dos Deputados. Rio de Janeiro, 18 de set. 1946. Capítulo III. Seção I. Artigo 82. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao46.htm. Acessado em: 11/06/2018.

o candidato que “tinha exercido o cargo, por qualquer tempo, no período imediatamente anterior” e para o vice-presidente a restrição era para candidatos que haviam sucedido o presidente “dentro dos seis meses anteriores ao pleito, o haja substituído”³¹.

Dessa forma, compreende-se a fundamentação legal para a impossibilidade de JK se candidatar nas eleições de 1960, bem como a vitória de Jânio Quadros para presidente e João Goulart para vice-presidente, apesar de terem concorrido por coligações diferentes.

1.3 – A imprensa na campanha eleitoral: “Aconteceu, virou Manchete”.

No decorrer da década de 1950, a imprensa brasileira refletindo os acontecimentos dentro do cenário político passou por um processo de mudanças. Em 1952 Elizabeth tornou-se rainha da Inglaterra, em 1953 foi criada a empresa estatal Petrobrás, no ano seguinte ocorreu o suicídio de Getúlio Vargas, e ainda, o mundo agitava-se com a continuidade da Guerra Fria. O público brasileiro, leitor dos jornais e revistas e espectador das transmissões radiofônicas e televisivas, queria compreender o país e o mundo em mudança: os novos tempos.³² Nesse contexto, novas revistas e jornais como **Tribuna da Imprensa** (1949), **Última Hora** (1951) e **Manchete** (1952) foram criados, com a inserção de novas estruturas editoriais e de recursos técnicos e gráficos. O grande destaque foi o uso do fotojornalismo.³³

Em 26 de abril de 1952, no Rio de Janeiro, Adolpho Bloch lançou a Revista **Manchete**. Com um slogan curto “aconteceu, virou manchete”, a revista se tornou um sucesso com o seu fotojornalismo e sua qualidade gráfica. Apesar de não ser pioneira na reprodução de fotografias coloridas³⁴, a possibilidade de divulgação dos produtos em imagens com cores em contrapartida às propagandas em preto e branco veiculadas pela televisão e pela maioria dos jornais, atraía a atenção dos anunciantes.

³¹ BRASIL. **Constituição (1946)**. *Ibid.* Art. 139.

³² LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Barueri, SP: Manole, 2004. P. 169.

³³ FERREIRA, Marieta de Moraes; MESQUITA, Claudia. Os anos JK no acervo da Biblioteca Nacional. In: BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). *Brasiliana da Biblioteca Nacional-guia de fontes sobre o Brasil /Organização Paulo Roberto Pereira*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional; Nova Fronteira, 2001. Il. P. 3. Disponível em: https://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arq/1283.pdf Acessado em: 15/08/2018.

³⁴ Em 1951, o jornal **Última Hora**, trouxe a foto do time do Fluminense, campeão carioca daquele ano, impressa em quatro cores. Ver WEINER, Samuel. **Minha razão de viver**: memórias de um repórter. 2. Ed. Rio de Janeiro: Record, 1988. P. 146

O recurso fotográfico despertava a atenção devido às cores vibrantes e chamativas estampadas nas capas e representava um diferencial a esse veículo comunicacional. **Manchete** se tornou a mais importante revista semanal brasileira no momento em que se introduzia uma nova estética na distribuição das fotografias e ampliava o espaço para as grandes reportagens.³⁵ Na revista, que possuía periodicidade semanal, os conteúdos eram divididos por seções, como política, comportamento, cinema, teatro e cultura.

Em 1952, quando foram lançadas as primeiras edições, a revista continha 40 páginas e nem todas eram impressas em cores. O período de apogeu da **Manchete** coincidiu com o declínio de **O Cruzeiro**. Em 1958, vários jornalistas deste periódico se transferiram para a **Manchete**. O público leitor de ambas as revistas era semelhante, circulando predominantemente entre a classe média, porém isso não impediu que as camadas menos letradas também tivessem acesso aos periódicos.³⁶

Na década de sessenta, a revista cresceu, principalmente devido às coberturas sobre a construção e inauguração de Brasília e aos poucos, o parque gráfico foi acrescido de novas máquinas, que possibilitaram a impressão de mais de 800 mil exemplares semanais. Diferente da estratégia de **O Cruzeiro** de alardear tiragens inacreditáveis, a **Manchete** não revelava essa informação. A estimativa só pôde ser feita com base no relato de Adolpho Bloch sobre a capacidade das rotativas.³⁷

Em 1960, as edições já contavam com cerca de 100 páginas, sendo em média 32 coloridas.³⁸ A **Manchete** possuía várias colunas fixas, como “O Brasil em Manchete”, “O Mundo em Manchete”, “O leitor em Manchete”, “Notícias que valem Manchete” e “Posto de Escuta”. A coluna “Posto de Escuta”, de responsabilidade de Murilo Melo Filho, propagava notícias curtas do mundo da política, além de regularmente escrever reportagens sobre o assunto.

³⁵ AMORIM, Rosy Mary Guerra. **O Governo JK e a revista Manchete: a criação do mito dos anos dourados**. Rio de Janeiro, 2008. Pg 87.

³⁶ NASCIMENTO, Patrícia Ceolin. **Jornalismo em revistas no Brasil: um estudo das construções discursivas em Veja e Manchete**. São Paulo: Annablume, 2002. P. 86.

³⁷ BLOCH, Adolpho. **De Kiev ao Rio. Manchete**. Rio de Janeiro: ed. especial, pp. 242-253 e 256, nov. 1997. Apud. ANDRADE, Ana Maria Ribeiro de; CARDOSO, José Leandro Rocha. Aconteceu, virou manchete. In.: **Revista Brasileira de História**. São Paulo. V. 21, nº 41. P. 251. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01882001000200013&script=sci_abstract&tlng=pt Acessado em: 11/11/2018.

³⁸ Revista **Manchete**. Edição 419. 30/04/1960. P. 18. Biblioteca Central (BCE). Acervo de Obras Raras, UnB.

No seu auge, contou com uma equipe de jornalistas como Carlos Drummond de Andrade, Nelson Rodrigues, Rubem Braga, Manuel Bandeira, Fernando Sabino, David Nasser, e Heloneida Studart. No expediente constavam os nomes do presidente, Adolfo Bloch, do diretor-presidente; Oscar Bloch, diretor-superintendente; Néelson Alves, diretor-gerente; Henrique Pongetti, diretor-responsável; e Dirceu Torres Nascimento, diretor-secretário. A revista era propriedade de Bloch Editores, dirigida por Bóris e Arnaldo Bloch.

De acordo com Oswald Muntreal e Larissa Grandi, a revista apresentava uma linguagem simples e de fácil compreensão, sua principal forma de comunicar era através de imagens.³⁹ A linguagem predominantemente visual possibilitou que as camadas menos letradas conseguissem interpretar as reportagens. Sobre a predominância de imagens em detrimento dos textos, Pereira Lima afirma que a “**Manchete** é mais uma publicação com ênfase nos recursos ilustrativos do que no texto de profundidade”⁴⁰. Talvez esse fator tenha contribuído para a sua ampla difusão se comparado às demais revistas em circulação no mercado.

Patrícia Ceolin ao analisar a estrutura narrativa da **Manchete** conclui que o periódico construía sua narrativa remetendo à caracterização idolátrica e heroica dos personagens, significações calcadas em temas abrangentes, violência, emoção, misticismo e enfoque não cronológico das reportagens. O discurso da revista não recorria, em geral, aos elementos clássicos da narrativa jornalística, como o recurso da objetividade, que no periódico era feita, na maior parte dos casos, por meio de julgamento explícito, com presença excessiva de adjetivos e marcadores de opinião.⁴¹

A revista **Manchete**, diferentemente da revista **O Cruzeiro**, sua concorrente direta, estava mais preocupada em retratar um belo e colorido Brasil do que se envolver em questões políticas e partidarismos.⁴² Entretanto, o periódico publicou diversas edições destinadas a enaltecer os feitos administrativos e políticos do presidente JK

³⁹ MUNTEAL, Oswald; GRANDI, Larissa. **A imprensa na História do Brasil**: foto jornalismo no século XX. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2005. P. 93.

⁴⁰ LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Barueri, SP: Manole, 2004. P. 168.

⁴¹ NASCIMENTO, Patrícia Ceolin. **Jornalismo em revistas no Brasil**: um estudo das construções discursivas em *Veja* e *Manchete*. São Paulo: Annablume, 2002. P. 176.

⁴² Cadernos de Comunicação, n. 3, Série Memória (2002). *Cruzeiro*: a maior e melhor revista da América Latina. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, Secretaria Especial de Comunicação Social. P. 23. Disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4204434/4101414/memoria3.pdf> Acessado em: 31/07/2018.

durante sua carreira política. JK e Bloch mantinham uma amizade de longa data e essa relação aparentemente interferiu na posição política adotada pelo periódico. A revista contou com uma edição especial de 21 de abril de 1960 que cobriu a inauguração da nova capital federal. A edição esgotou-se em apenas quarenta e oito horas.⁴³

A edição número 23 da **Manchete**, em 1952, mostrava Juscelino Kubitschek como governador de Minas Gerais e já o anunciava como “provável futuro presidente da República”. A **Manchete** que foi grande difusora das ações político-administrativas de Kubitschek, enaltecendo não só as realizações governamentais, mas também a personalidade do “presidente bossa nova”. É de autoria de Bloch a famosa frase “50 anos em 50”.⁴⁴ A revista, não só acompanhou o dia a dia do governo de JK, como também continuou divulgando a imagem e as ações de Kubitschek, mesmo após o término de seu mandato presidencial e posterior atuação como senador do estado de Goiás.⁴⁵ Após a morte de JK, em 1976, devido à forte relação entre Adolfo Bloch e Juscelino a viúva Sara Kubitschek, decidiu velar o corpo do marido na sede da **Manchete**, no Rio de Janeiro. Anos depois, Bloch ainda publicou três volumes de memórias de Kubitschek: **A experiência da humildade, A escalada política e 50 anos em 5**.

A relação estreita entre JK e Adolph Bloch, JK e **Manchete** parece ter refletido diretamente na publicidade eleitoral feita pelo periódico durante a campanha presidencial de 1960. Como já visto, ainda que JK tenha articulado seus planos em torno de sua reeleição em 1965 e tentasse demonstrar neutralidade com relação ao seu apoio a determinado candidato é perceptível que o Marechal Lott ganhava visibilidade positiva nas matérias produzidas pelo periódico.

A tentativa de anunciar o discurso de neutralidade e distanciamento de Juscelino com relação às eleições e ao seu apoio político foi evidenciado pela matéria publicada na edição de 1º de outubro de 1960⁴⁶, dois dias antes do pleito. A matéria intitulada “*JK*

⁴³ OLIVEIRA, Lúcia Lippi. O governo JK nas páginas da Manchete. CPDOC-FGV. Disponível em: http://www.cpdoc.fgv.br/nav_jk/O_Brasil_de_JK/O_governo_JK_na_Manchete.asp. Acessado em: 24/06/2018.

⁴⁴ ANDRADE, Ana Maria Ribeiro de; CARDOSO, José Leandro Rocha. Aconteceu, virou manchete. In.: Revista Brasileira de História. São Paulo. V. 21, nº 41. P. 251. Disponível em: <file:///C:/Users/francisco/Desktop/revista%20manchete/artigo%20manchete.pdf> Acessado em: 11/11/2018.

⁴⁵ AMORIM, Rosy Mary Guerra. **Ibid.** P. 35.

⁴⁶ Revista **Manchete**. Edição 441. 01/10/1960. Disponível em: <http://www.youblisher.com/p/1110955-Manchete-441-1-out-1960/>. Acessado em: 31/07/2018.

será seu grande eleitor?” trouxe a imagem do Marechal Lott sentado, enquanto ao seu lado, de pé, Kubitschek faz um pronunciamento. O texto que acompanha a imagem afirma que o então presidente estava fazendo tudo que lhe era cabível para apoiar a candidatura do marechal sem que com isso sua posição de chefe do governo central ficasse comprometida. O texto também trouxe a estratégia adotada pelo núcleo de campanha que por meio de discursos feitos por Kubitschek em Brasília, Governador Valadares e Recife, em favor de seu ex-ministro da Guerra, auxiliaria o candidato pessedista.

Capítulo 2 – A candidatura Jânio Quadros.

2.1 – Um início conturbado: a retirada da candidatura.

Jânio da Silva Quadros veio de uma família sem tradições políticas. Passou por diversas esferas da vida pública, foi professor de ginásio e advogado e, apesar de ser natural do Mato Grosso, iniciou sua vida política em São Paulo. Seu primeiro cargo político foi como suplente de vereador em São Paulo, eleito pelo PDC, em 1947. Devido à cassação dos mandatos dos filiados ao Partido Comunista do Brasil (PCB), Jânio assumiu a vereança paulista em 1948.⁴⁷ Ainda pelo PDC, conseguiu se eleger para deputado estadual, com mandato entre 1951 a 1953.

Quadros adotou a vassoura como símbolo e prometeu limpar a corrupção em sua campanha. A utilização do símbolo doméstico durante as realizações de comícios foi marcante no período da campanha janista. Com um forte apelo popular, Quadros se dirigia a população como o candidato que promoveria a austeridade na administração pública além de outras reformas que livrariam o país do atraso.

Contudo, foi somente nas eleições de 1953 que Quadros iniciou sua ascensão política alinhada à conduta populista. A famosa campanha do “tostão contra o milhão” criticava arduamente a corrupção e pregava a moralização da administração pública. O slogan do tostão contra milhão representava a disparidade entre os recursos de sua campanha a prefeito de São Paulo e a de seus adversários. Exerceu o cargo de prefeito entre abril de 1953 e janeiro de 1955.

As campanhas eleitorais de Quadros funcionavam como uma progressão das anteriores. As simbologias, os discursos e as promessas eleitorais se agregavam umas às outras e culminaram na grande campanha de 1960. De acordo com Benevides, o padrão da campanha para prefeitura de São Paulo se manteve quando Quadros se candidatou ao governo do mesmo estado e posteriormente também se repetiu na campanha presidencial.⁴⁸

O Movimento Popular Jânio Quadros (MPJQ), organização suprapartidária que lançou primeiramente a candidatura de JQ à presidência em abril de 1959, nasceu de um

⁴⁷ Ver <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/partido-comunista-brasileiro-pcb>
Acessado em: 08/11/2018.

⁴⁸BENEVIDES, Maria Victoria. **O governo Jânio Quadros**. P. 16.

movimento espontâneo dos jovens cariocas, que em sua maioria era composta por estudantes, funcionários públicos e operários. Nenhum desses setores tinha militância partidária, e seus simpatizantes eram de diversas tendências ideológicas. No início, a organização lutou contra o ceticismo dos políticos profissionais, uma vez que o Movimento não despertou confiança e credibilidade para a atuação político-eleitoral.⁴⁹

Devido à falta de recursos para desenvolver as atividades de campanha, a organização instalou-se em duas salas simples na Rua da Quitanda, no centro do Rio de Janeiro. A escassez de recursos não impediu que o MPJQ realizasse verdadeiros milagres durante a campanha. Seus membros percorriam os bairros cariocas, subiam as favelas e avançavam pelo interior fluminense; e não demorou muito para que essa atuação se tornasse uma poderosa força eleitoral e atraísse a atenção dos políticos.⁵⁰

O lançamento da candidatura Quadros à presidência da República pelo MPJQ conseguiu posteriormente o apoio de uma ampla coligação partidária, sendo eles: o Partido Libertador (PL), o Partido Democrata Cristão (PDC) e o Partido Republicano (PR) e a União Democrata Nacional (UDN).

Após a homologação de sua candidatura, o problema da escolha de um vice-presidente surgiu para JQ. A ideia de compor chapa com Leandro Maciel, candidato apontado pela UDN, não lhe pareceu vantajoso eleitoralmente, visto que apesar de Maciel ser um candidato influente no Norte do país, sua força não era suficiente para penetrar as áreas subdesenvolvidas do Nordeste.⁵¹

Para o PDC, Jânio era seu candidato à presidência e Fernando Ferrari seu vice, porém a UDN em troca do apoio dado a Quadros sentia-se no direito de indicar um vice-udenista para chapa. O problema da vice-presidência não foi resolvido de imediato, sendo a solução provisória para o impasse apontada pelo Senador Lino de Matos (PSP): Ferrari não compareceria aos comícios que seriam realizados no norte do país. Porém o PDC discordou da decisão e manteve a posição favorável à presença de Ferrari no comício no Acre. Novamente foi necessária outra mediação, e a solução encontrada foi a realização de dois comícios no mesmo dia. No comício oficial, Leandro Maciel

⁴⁹ MELLÃO NETO, João. **Jânio Quadros**: 3 estórias para 1 história. São Paulo: Editora Renovação, 1982. P. 160.

⁵⁰ MELLÃO NETO, João Mellão. **Ibid.** P. 160.

⁵¹ VICTOR, Mario. **5 anos que abalaram o Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965. P. 54.

compareceria. O segundo comício seria improvisado e contaria com a presença de Ferrari.⁵²

A situação continuava sem solução, e no dia vinte e cinco de novembro 1959, em meio a uma reunião para discutir estratégias de campanha estavam presentes Magalhães Pinto, Leandro Maciel, Fernando Ferrari, Jânio Quadros, dentre outras figuras importantes na campanha. Naquele momento, Maciel queixou-se a JQ sobre a questão da dualidade de candidatos à vice-presidência. Afirmou que não concordava de maneira alguma subir em um palanque junto com Fernando Ferrari e se recusava a ir ao Acre para a realização do comício. Ao entrarem na discussão sobre a presença de Maciel e Ferrari no comício que seria realizado no dia seguinte no Acre, Quadros indagou se seria necessária uma declaração escrita de que o seu vice seria o candidato da UDN, Leandro Maciel. Retirou-se, supostamente, para redigir sobre o compromisso. Quando retornou, entregou um texto, mas com um teor diferente: era sua carta renúncia, endereçada ao presidente da UDN, Magalhães Pinto⁵³.

Nesta data renuncio à minha candidatura à Presidência da República. Não consegui, como é do conhecimento de V. Exa e da opinião pública reunir em torno do meu nome, as diversas legendas e correntes políticas que procuram novos rumos para o País, com a unidade e a harmonia indispensáveis ao êxito de nossa jornada. Quero agradecer V. Ex. e a UDN o apoio que recebi em memorável Convenção, e este agradecimento é extensivo ao PL, ao PTN e ao PDC, que também adotaram meu nome. Se nesta fase é difícil assim coordenar os esforços e somar os anseios dos homens de bem que militam nos vários partidos, impossível será governar no atendimento das reivindicações do povo e das necessidades brasileiras.⁵⁴

No dia vinte e sete de novembro, os matutinos publicaram uma declaração escrita por JQ destinada ao povo brasileiro, na qual eximia os partidos políticos da responsabilidade pela retirada de sua candidatura

Estabeleceram-se entre algumas das forças que me apoiavam a incompreensão e a desconfiança. Não as podendo responsabilizar – e não o faço – devo aceitar as responsabilidades. Por certo, as deficiências residem em mim. São falhas naturais de temperamento e personalidade, que não remediarei. Acompanhar-me-ão, até o túmulo. (...) na trama de

⁵²VICTOR, Mario. *Ibid.* P. 55-57.

⁵³CABRAL, Castilho. **Tempos de Jânio e outros tempos**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1962. P.169 -171.

⁵⁴ CABRAL, Castilho. *Ibid.* P.171.

suscetibilidades, de frustrações, de suspeitas, que se tecia ao meu derredor, não tinha maneiras para ultrapassar a campanha eleitoral e, se por milagre a ultrapassasse, não exerceria a chefia da Nação, com o desembaraço e a segurança indispensáveis. Antes abrir mão desta candidatura agora, do que deixá-la mais adiante, com danos irrecuperáveis às agremiações que me recomendavam.⁵⁵

Porém, ainda que indiretamente, as organizações partidárias e a constante divergência entre elas foram apontadas como a causa da renúncia de Quadros à candidatura. O acontecimento foi narrado de duas formas distintas: os udenistas afirmavam que fora o próprio JQ quem se prontificara espontaneamente para escrever a carta renúncia, sendo o documento rascunhado pelo próprio candidato. Já os próceres janistas acusaram Leandro Maciel de impor uma manifestação por escrito do apoio que JQ estava declarando ao candidato da UDN à vice-presidência.⁵⁶

Em entrevista concedida à **Manchete**, JQ declarou quais foram os motivos de sua renúncia. De acordo com o presidencial, ao renunciar sua intenção era retornar à vida privada, à advocacia, ao magistério e à família, uma vez que a vida política o cansava e irritava por ser uma “arte de permanente transigência”. Afirmou que retornou pelos apelos do povo. As cartas, as mensagens e os telegramas em números incontáveis que foram enviadas à sua casa e à de seus companheiros, ratificaram a confiança que haviam depositado sobre ele, e nessa posição, não poderia “negar ao país e à causa democrática, ainda que provenientes de serviços mais pesados. Então, repensou a decisão”.⁵⁷

O temperamento e instabilidade das ações de Quadros foram alvos de críticas ao longo de toda a campanha e do seu curto mandato presidencial. A resposta ao entrevistador foi curta e grossa e verbalizou a posição adotada por JQ durante toda sua vida política “Nasci com esse temperamento e morrerei com ele. A mim, agrada, e isso é o bastante.”⁵⁸

⁵⁵ VICTOR, Mario. **Ibid.** P.59.

⁵⁶ Revista **Manchete**. Edição 399. 11/12/1959, P.10. Biblioteca Central (BCE). Acervo de Obras Raras, UnB.

⁵⁷ Revista **Manchete**. Edição 399. 11/12/1959, P.10. Biblioteca Central (BCE). Acervo de Obras Raras, UnB.

⁵⁸ Revista **Manchete**. Edição 405. 23/01/1960. P. 18-19. Biblioteca Central (BCE). Acervo de Obras Raras, UnB.

Outro ponto abordado na entrevista foi como nos meios político, partidário e militar, suas ações e temperamento estavam sendo repercutidos. No campo político-partidário, a sua base eleitoral enfraqueceu bastante com a renúncia. No meio militar foi observado o crescimento da rejeição do candidato por não o considerarem merecedor de nenhuma confiança para chefiar o governo da República.⁵⁹ Ao escrever sobre a volta de JQ e as razões para a renúncia, a **Manchete** utilizou-se da renúncia e instabilidade de JQ para concluir que o episódio contribuiu para a candidatura oposicionista.

Era constante o apelo de líderes udenistas para que se recompusesse o quadro sucessório em termos de luta entre o Sr. Jânio e o Marechal, por entenderem que este com sua firmeza de atitudes, representava o melhor penhor de efetiva realização do pleito em 3 de outubro.⁶⁰

Como afirma Hélio Silva, a postura adotada por Jânio Quadros, tradicionalmente, suprapartidária, demonstrou a crise da representatividade dos partidos políticos. Ao se apresentar como um candidato independente e acima dos partidos, capaz de executar suas ações por esforço individual, mostrava o qual ultrapassadas estavam as agremiações políticas existentes e o desfalecimento das tendências, organizações e controle das cúpulas partidárias. Segundo Silva “proliferaram as alianças de legenda. Essas alianças esvaziaram os partidos, ou surgiram desse próprio esvaziamento”⁶¹.

Para as várias parcelas do eleitorado, o nome Jânio Quadros representava muito mais do que as divergências entre as coligações partidárias. Em poucas horas o Movimento Popular Jânio Quadros (MPQJ) colocou mesinhas nas calçadas na Avenida Central e nos bairros do Rio de Janeiro, em Petrópolis, Niterói, Belo Horizonte, Friburgo e várias outras cidades do Brasil para coletar assinaturas em prol da candidatura de Jânio. Em menos de uma semana conseguiram mais de trinta e seis mil assinaturas que pediam a volta de Quadros.⁶²

JQ cedeu, e no dia cinco de dezembro de 1959 retornou oficialmente à corrida presencial. Após seu regresso à campanha presidencial, Quadros estava, supostamente, liberado dos compromissos partidários. Contudo, essa estratégia demandou dos quatro

⁵⁹ Revista **Manchete**. Edição 399. 11/12/1959, P.11. Biblioteca Central (BCE). Acervo de Obras Raras, UnB.

⁶⁰ Revista **Manchete**. Edição 405. 23/01/1960. P. 21. Biblioteca Central (BCE). Acervo de Obras Raras, UnB.

⁶¹ SILVA, Hélio. **Ibid.** P. 31-32.

⁶² CABRAL, Castilho. **Ibid.** P.173.

partidos que apoiaram JQ o cumprimento de determinado protocolo: os compromissos que já haviam sido assumidos livremente permaneceriam inalterados. Estabelecer-se-ia imediatamente uma comissão interpartidária com a finalidade de orientar e programar a campanha. JQ somente deveria participar de caravanas e comícios oficiais de campanha e o candidato à vice-presidência, indicado pela UDN, Leandro Maciel, continuaria a ser o candidato oficial de Jânio Quadros. O Partido Democrata Cristão não participaria das caravanas e dos comícios oficiais de Jânio Quadros, sendo que o candidato à vice-presidência indicado pelo PDC, Fernando Ferrari, faria campanha a parte.⁶³

Em abril de 1960, o problema ressurgiu. Dessa vez, Leandro Maciel ao perceber o fracasso de sua campanha por falta de apoio, atribuiu a responsabilidade à UDN e renunciou à candidatura. Com a desistência de Maciel, dois nomes udenistas foram indicados para substituí-lo: Juarez Távora e Milton Campos. No dia nove de junho de 1960, o Diretório Nacional da UDN se reuniu em São Paulo e escolheu Milton Campos para a vice-presidência.⁶⁴

2.2 – Jânio vem aí: a proximidade com a camada popular e a formação do movimento Jan-Jan.

Como afirma Miriam Limoeiro Cardoso, o discurso janista se apoiava no que ele considerava como crise moral causada pelos governos que o precederam, em especial o de Kubitschek. Quadros denunciava as diversas formas de corrupção que evidenciavam o “favoritismo, o filhotismo, o compadrio sugando a seiva da nação e obstando o caminho dos mais capazes”. As raízes da crise estavam na falta de austeridade, sendo esse o primeiro fator a ser corrigido. A mudança deveria ocorrer em todas as esferas e em todos os níveis. O governo federal precisaria ser o primeiro a dar o exemplo: “não haverá ninguém, a começar dos mais altos escalões administrativos, que possa situar-se

⁶³ Revista **Manchete**. Edição 400. 19/12/1959. P.31. Biblioteca Central (BCE). Acervo de Obras Raras, UnB.

⁶⁴ SILVA, Hélio. **História da república brasileira: a renúncia 1961**. Rio de Janeiro: Três, 1975. P. 59-60.

fora das normas de exceção, compostura e integridade que caracterizarão os negócios públicos”⁶⁵.

Quadros fez dos palanques verdadeiros palcos de tragicomédias: Jânio tomava injeções em público, simulava desmaios e comia sanduíches de mortadela levados nos bolsos.⁶⁶ Tais atitudes revelavam tentativas de estabelecer relações próximas com a população, ambicionando se personificar no candidato que melhor atenderia as reivindicações das diversas camadas sociais, principalmente as de baixa renda. Era no poder popular que JQ assentava sua força política.

JQ procurou sensibilizar a população, compreender e canalizar suas insatisfações. Dirigia-se à população demonstrando sua insatisfação, inconformidade e atenção; declarava estar cansado dos que se utilizavam da esperança e honra popular para chegar ao poder. Afirmava claramente que com “o povo seria bom e generoso, trabalhador e honesto”. Destes setores sociais pretendia ser o porta-voz. Através da manifestação política do voto, os eleitores detinham o poder de fazê-lo seu representante. Sua pregação oposicionista tinha ênfase na moralização, racionalização, defesa da liberdade e no combate aos privilégios.⁶⁷

Honestidade, crença, família, pátria, trabalho e igualdade foram os aspectos morais que fizeram o candidato acreditar que o povo brasileiro seria um grande povo. Dispersos pelo Brasil, esses eram os aspectos que JQ desejava reunir para transformar, em nome da nacionalidade, o indivíduo em ser pertencente à nação.⁶⁸ Em um de seus comícios em Santos, fez as seguintes afirmações:

Não temos nenhuma duvida de que, convocada a Nação, ela se manifestará. A nossa confiança aumenta quando temos a nos sustentar a vontade do proletariado, dos mais humildes, daqueles que chegaram a desacreditar na democracia, mas que se revelam os mais democratas quando penetramos em suas almas. [...] Um grande esforço precisa ser feito, estamos dispostos a fazê-lo. Daí o anseio dos brasileiros de uma autoridade vigilante,

⁶⁵ CARDOSO, Miriam Limoeiro. **Ideologia do desenvolvimento - Brasil: JK-JQ**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. P. 322-324.

⁶⁶ BENEVIDES, Maria Victoria. **O governo Jânio Quadros**. P. 16.

⁶⁷ CARDOSO, Miriam Limoeiro. **Ibid.** P. 321.

⁶⁸ CARDOSO, Miriam Limoeiro. **Ibid.** P.325.

imparcial e honesta. Daí o horror dos brasileiros pela autoridade corrupta, pela autoridade que se excede.⁶⁹

Desde o início da campanha, Jânio Quadros representava uma grande força política e eleitoral. Sabia como se comunicar com o eleitorado e discursava sobre o que queriam ouvir. O homem era um espetáculo. Muito diferente de seu concorrente Marechal Lott, que nutria certa aversão a reuniões partidárias, palanques, comícios e agitações de rua. Afirmava que se o povo o quisesse como Presidente da República, não seria a propaganda eleitoral, utilizada sem nenhum constrangimento pelos políticos, que lhe elegeria.⁷⁰

Aproveitando-se da brecha constitucional que permitia a eleição do vice-presidente separada da eleição do presidente, surgiu uma possibilidade de se montar uma chapa paralela suprapartidária: Jânio para presidente e João Goulart, candidato à vice pela coligação PSD/PTB. A formação do movimento Jan-Jan surgiu sem criador definido.⁷¹

O movimento teve apoio tanto de Quadros como de Goulart, que nutriam reciprocamente interesses de se projetar nas bases eleitorais um do outro. Uma parcela dos petebistas aderiu ao Jan-Jan e passou a ser alvo de protestos advindos do chamado grupo compacto, uma ala que não tinha sido favorável à candidatura de Lott, mas eram fieis aos compromissos históricos e ideológicos do partido.⁷²

Apesar das oposições ao Jan-Jan, o movimento cresceu e ganhou força. No mês de maio, a chapa Jan-Jan já estava estabelecida em diversos comitês, localizados nos estados de São Paulo, Pernambuco e Paraná.⁷³ Dante Palacani, presidente da Federação Nacional dos Gráficos e importante liderança do Partido Comunista do Brasil (PCB) – partido que se definiu a favor da candidatura do marechal Lott –, passou a organizar os comitês Jan-Jan por todo o país. Em junho de 1960, lançou o **Jornal Jan-Jan** que circulou apenas entre os sindicatos. Muito dinheiro foi colocado nesse projeto, sendo o suficiente para bancar as duas campanhas de Jango: como vice de Lott e como vice de

⁶⁹ Revista **Manchete**. Edição 398. 05/12/1959. P. 70. Biblioteca Central (BCE). Acervo de Obras Raras, UnB.

⁷⁰ CARLONI, Karla Guilherme. Marechal Henrique Teixeira Lott: A opção das esquerdas. Dissertação (Dissertação em história). Universidade Federal Fluminense. Niterói. 2010. P. 53.

⁷¹ WILLIAM, Wagner. **O soldado absoluto**: uma biografia do marechal Henrique Lott. Rio de Janeiro: Record, 2006. P. 294.

⁷² WILLIAM, Wagner. **Ibid.** P. 294.

⁷³ D'ARAÚJO, Maria Celina de. **Sindicatos, carisma e poder**: o PTB de 1945-65. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996. P. 133.

Jânio. Destinado a eleger JQ de qualquer maneira, o MPQJ também se engajou no movimento, que ganhou até jingle.⁷⁴

O povo quer
Jan -Jan
Para que discutir com o povo
O povo quer
O povo é fã
Da infernal dobradinha Jan-Jan.⁷⁵

Como afirma Maria Celina de Araújo

Esta chapa alternativa reflete a estratégia eleitoral adotada. O importante era fazer de Goulart o vice-presidente, e diante do mau desempenho de Lott os petebistas foram liberados para outras composições: Jânio-Goulart ou Adhemar-Goulart. O que interessava era o apoio ao presidente do partido [Goulart], e nesse caso a “traição” a Lott era bem-vinda.⁷⁶

2.3 – A ambiguidade do discurso moralista: afinal, a vassoura varre o que?

Jânio Quadros teve sua imagem eleitoral difundida como a de um homem de hábitos simples, preocupado com a moralidade pública e o combate a corrupção. Um dos maiores símbolos da campanha janista à presidência da República foi a vassoura. Apesar da relação entre Jânio e o item doméstico ter sido criado anteriormente, a vassoura continuou personificando sua pauta eleitoral na campanha de 1960: o combate a corrupção.

Com um discurso voltado para a transformação, JQ se posicionava claramente como o candidato da oposição. Não apenas sua candidatura era oposicionista, mas também, afirmava que caso eleito, seu governo efetivaria a proposta. Utilizava uma linguagem eufórica ao se tratar das medidas que tomaria se eleito, o que revelava mais do que uma paixão política, mas a complexidade do quadro político que receberia o governo. Sua pregação oposicionista enfatizava principalmente a defesa da liberdade; o

⁷⁴ WILLIAM, Wagner. **Ibid.** P. 294-295.

⁷⁵ Jingle eleitoral: Jan Jan. Campanha Jânio Quadros e João Goulart. Disponível em: http://www.discosdobrasil.com.br/discosdobrasil/consulta/detalhe.php?Id_Musica=MU027079 Acesso em: 31/09/2018.

⁷⁶ D'ARAÚJO, Maria Celina de. **Ibid.** P.133.

combate aos privilégios; racionalização, desburocratização e moralização da administração pública.

Na ocasião de sua escolha como candidato da UDN, Quadros discursou sobre suas propostas de governo. Disse acreditar na vigência da Constituição, na moeda sadia, eficiência e moralidade burocrática, defesa do solo brasileiro e da Petrobrás, nos cuidados ao homem do campo, na força incoercível do povo e na manifestação da onipotência divina. Afirmou que já havia sido alvo de injúrias e mentiras por parte de seus opositores e os relacionou ao que considerava malefício à Nação: vantagens ilícitas, promessas mentirosas, autoritarismo, desordem administrativa, descontrole orçamentário, ditaduras, privilégios, sindicatos violentados, latifúndio anti-social e distorção da liberdade.⁷⁷

A música oficial composta para a campanha de JQ reunia e enfatizava esses temas, em especial, a moralização administrativa.

Varre, varre vassourinha
Varre, varre a bandalheira
E o povo já está cansado
De sofrer desta maneira
Jânio Quadros esperança
Desse povo abandonado.⁷⁸

JQ tinha a capacidade necessária ao jogo político, sabia simplificar a mensagem fazendo com que a mesma fosse de fácil compreensão ao público. De acordo com Eduardo Grossi, a propaganda política janista foi agrupada e personificada em torno da simbologia do item doméstico que indicava uma possível administração que ampliaria os princípios morais do país. No material publicitário circulava diversas variações da vassoura “como caricaturas do político, determinando humor, seriedade, combatividade e etc”⁷⁹.

⁷⁷ Revista **Manchete**. Edição 396. 21/11/1959. P. 10. Biblioteca Central (BCE). Acervo de Obras Raras, UnB.

⁷⁸ Jingle eleitoral: Varre Varre. Campanha Jânio Quadros. Disponível em: http://www.discosdobrasil.com.br/discosdobrasil/consulta/detalhe.php?Id_Musica=MU027077 Acesso em: 31/09/2018.

⁷⁹ GROSSI, Eduardo. Jânio Quadros: as representações metafóricas da vassoura no imaginário popular. In: QUEIROZ, Adolpho. **Na arena do marketing político: ideologia e propaganda nas campanhas presidenciais brasileiras**. São Paulo: Summus Editorial, 2006. P. 192.

Instrumento de uso popular, a vassoura também evoca uma tradição folclórica relacionada ao misticismo, que segundo Grossi, pode-se extrair dois aspectos diferentes de seu uso. O primeiro se relaciona ao uso do item por feiticeiros e bruxos em rituais sobrenaturais. Assim,

Jânio Quadros com seu bigode tradicional, com os cabelos longos formando um topete sobre a testa, e com a visão estrábica, evocava a figura de um feiticeiro, um líder espiritual poderoso, que poderia promover uma transformação radical.⁸⁰

O segundo trata da crença popular que consiste em guardar a vassoura com o cabo para baixo. O gesto serviria para afastar visitantes indesejáveis, que na política se traduziria em afastar os maus políticos do poder público. A força simbólica atribuída à vassoura pode ser observada pelo fato de que os simpatizantes a sua candidatura traziam espontaneamente vassouras aos comícios. Em momentos de exaltação, os civis presentes viravam a vassoura de cabeça para baixo e as erguiam para aclamar o candidato.⁸¹

No que tange a relação da vassoura com as propostas de governo de JQ, Limoeiro afirma que a vassoura se relacionava com a limpeza da crise moral, da ambiguidade, intransigência e corrupção herdadas do governo anterior, e pretendia com essa limpeza proporcionar um futuro austero e probo, no qual o governo estaria ligado intimamente à população e a solidariedade nacional.⁸²

Contudo, as propostas do presidencial se esgotavam na defesa da iniciativa privada, na cautela no que dizia respeito ao capital estrangeiro, no combate à inflação, no saneamento de gastos públicos e na defesa dos interesses das classes médias “empobrecidas”. Os discursos generalizantes e a falta de apresentação de um plano concreto eram ofuscados pela confiança na campanha do “Jânio vem aí”.⁸³

Uma matéria escrita por Henrique Pongetti, diretor-responsável da **Manchete**, ao retratar a passagem do presidencial pelo Rio de Janeiro, onde foi recebido por cerca de dez mil pessoas que portavam vassouras na lapela ou nas mãos, o jornalista fez uma crítica ao símbolo da campanha janista questionando sua potencialidade

⁸⁰ GROSSI, Eduardo. **Ibid.** P. 192.

⁸¹ GROSSI, Eduardo. **Ibid.** P. 192-194.

⁸² CARDOSO, Miriam Limoeiro. **Ibid.** P.323.

⁸³ BENEVIDES, Maria Victoria. **O governo Jânio Quadros.** P. 48.

Acho que se deve fazer uma revisão na simbologia na próxima campanha. Vassoura é um instrumento antigo e limitado. Serve para símbolo de política municipal ou estadual. Seja de piaçava ou de pelo, carece de alcance para sugerir uma limpeza em todas as unidades da Federação. Se eu fosse Castilho Cabral proporia a substituição da vassoura pelo aspirador de pó, de boca larga, pronto para aspirar o lixo. No dia das eleições, a vassoura tomará aos olhos do povo as reduzidas proporções de um espanador para enxotar moscas... moscas azuis, dípteros abstratos, imaginários.⁸⁴

A base ideológica da política autoritária e personalista de Quadros apoiou-se no moralismo punitivo e redentor, que representava, não só para o presidenciável, mas também para seus seguidores, a garantia da “revolução pelo voto”.

Em termos concretos tratava-se de levar a todo o país a cruzada do saneamento moral, sob a bandeira da austeridade, honestidade e trabalho: “Este será um governo rude e áspero”, afirmou JQ no dia da posse.⁸⁵

Contudo, o discurso moralista evocado por Quadros apresentava uma ambiguidade em seus efeitos políticos. Sua ascensão política rápida encontrou no moralismo radical uma forma hábil de se valer do ressentimento da nova classe média em vias de proletarização, que já não se satisfazia com troca de favores pessoais. Uma vez que não se podia mais contar com o mito do patriarcalismo, a ideia de justiça e a igualdade incondicional eram a aposta do discurso janista.⁸⁶

A saga moralizadora servia não apenas como instrumento para aumentar sua aceitação popular, mas também como manobra política que colocaria fim na herança getulista. A vigilância minuciosa dos setores da administração mirava o esgotamento do controle clientelístico dos representantes da aliança PSD-PTB.⁸⁷

Um ponto relevante na campanha janista à presidência da República foi a proposta de abertura da política externa, em especial aos países socialistas. O debate sobre a política externa foi fonte de perplexidades para os articuladores das candidaturas de Jânio e Lott, que os obrigava a um jogo ambíguo entre posições de “esquerda e

⁸⁴ Revista **Manchete**. Edição 390. 22/10/1959. P.41. Biblioteca Central (BCE). Acervo de Obras Raras, UnB.

⁸⁵ BENEVIDES, Maria Victoria. **O governo Jânio Quadros**. P. 41.

⁸⁶ BENEVIDES, Maria Victoria. **O governo Jânio Quadros**. P. 42.

⁸⁷ BENEVIDES, Maria Victoria. **O governo Jânio Quadros**. P. 46.

direita”.⁸⁸ Visto como candidato de direita, Quadros se solidarizou com Cuba e propôs uma política externa independente em relação aos dois blocos que dividiam o mundo.⁸⁹

A revista **Manchete** em sua edição 383⁹⁰, publicada em agosto de 1959, tratou sobre a viagem do presidencial à URSS. Jânio quebrou o protocolo oficial da viagem e insistiu para ser recebido por Nikita Krushev no Kremlin. A conversa durou trinta e cinco minutos e foi permeada por temas como a possibilidade e as sugestões para apressar o reatamento das relações comerciais entre a URSS e o Brasil. É interessante notar que a reportagem ao se referir a JQ usou a expressão candidato de direita entre aspas e finalizou o parágrafo afirmando que ele fez a melhor corte ao eleitorado da esquerda que “tanto o temia e desprezava”. A reportagem foi categórica ao afirmar que a visita possibilitou a JQ uma penetração no terreno da esquerda brasileira. Mas também, criou certa apreensão entre os que se situavam no campo político conservador no Brasil, que compunha a maioria de sua base eleitoral. Inclusive a Igreja Católica foi desfavorável à viagem do candidato à presidência da República a uma nação comunista e às negociações para a abertura das relações comerciais entre os dois países. Ao encerrar a reportagem, o leitor foi questionado: “Neste momento, o mais difícil é saber se, visitando Nikita Krushev, o senhor Jânio Quadros ganhou mais do que perdeu”⁹¹.

Ainda no período de campanha, Fidel Castro convidou Jânio Quadros e o Marechal Lott para visitarem Cuba, a opção em convidar os dois presidenciais pretendia demonstrar imparcialidade de Fidel com relação ao pleito presidencial. O convite para o encontro vinha sendo trabalhado pela direção paulista do PDC, coordenada por Paulo Tarso Santos. Desde o início das negociações, o primeiro-ministro cubano tivera dúvidas sobre a conveniência de se convidar Jânio, mas se convenceu após ouvir argumentações em favor das possibilidades eleitorais de JQ, inclusive por parte do embaixador do Brasil em Havana, Vasco Leitão da Cunha. Por fim, o marechal Lott recusou o convite e Quadros aceitou.⁹²

⁸⁸ BENEVIDES, Maria Victoria. **O governo Jânio Quadros**. P. 60.

⁸⁹ BENEVIDES, Maria Victoria. **O governo Jânio Quadros**. P. 26.

⁹⁰ Revista **Manchete**. Edição 383. 22/08/1959. P. 21. Biblioteca Central (BCE). Acervo de Obras Raras, UnB.

⁹¹ Revista **Manchete**. Edição 383. 22/08/1959. P. 21 Biblioteca Central (BCE). Acervo de Obras Raras, UnB.

⁹² BARBOSA, Carlos Alberto Leite. **Desafio inacabado: a política externa de Jânio Quadros**. São Paulo: Atheneu, 2007. P. 58- 59.

A confirmação do convite foi questionada pelos partidos que apoiavam a candidatura JQ. Grupos da UDN argumentaram a falta de fundamento para que o candidato aceitasse um convite que fora recusado pelo concorrente, apoiado pelas forças da esquerda – PCB. Com a visita, o núcleo de campanha janista anteviu a perda de consistência eleitoral, fato que poderia ameaçar uma vitória nas urnas. Não era sábio assumir o risco eleitoral desse encontro faltando pouco mais de quatro meses para as eleições, além do que os possíveis reflexos dessa viagem perante a parcela eleitoral de tendência conservadora eram incalculáveis, ainda que Cuba não fosse uma República declaradamente socialista (fato que somente ocorreu em 1961).⁹³

Ultrapassadas as reações contrárias à ida de JQ para Cuba, a viagem foi realizada em 28 de março de 1960, sendo importante para recompor o quadro eleitoral após a crise da renúncia da candidatura JQ. As pesquisas de opinião mostravam relativa perda nos percentuais de apoio eleitoral após o abandono do pleito eleitoral, e a viagem poderia ajudar a reverter essa situação, ao passo que o comando janista vislumbrava fortalecer a candidatura em núcleos de esquerda, compensando assim a queda nos números do eleitorado mais conservador.⁹⁴ Ao se encontrar com Fidel, JQ declarou “Venho ao seu encontro para ver de perto a obra de sua Revolução e depois explicar aos brasileiros o sentido dessa Revolução, que é hoje a admiração do mundo. É uma honra para mim visita-lo”.⁹⁵

A visita desenrolou-se de forma cautelosa e sem engajamento formal de ambos os lados: Para Fidel, a vitória de JQ, embora fosse bastante provável, ainda não estava definida e um erro de avaliação naquele momento poderia trazer consequências para o governo Castro. Para Jânio, uma possível aproximação da revolução cubana poderia causar desgastes frente ao eleitorado conservador. A fim de reduzir os impactos da visita a Cuba, os membros da campanha janista mantiveram conversas com a representação diplomática norte-americana para que fosse feito um convite a JQ para visitar os Estados Unidos antes das eleições, fato que nunca ocorreu.⁹⁶

A **Manchete** destacou a recepção dos cubanos a JQ, destacando a favorável opinião pública cubana sobre o aceite do convite. A visita foi interpretada como um ato

⁹³ BARBOSA, Carlos Alberto Leite. **Ibid.** P. 59.

⁹⁴ BARBOSA, Carlos Alberto Leite. **Ibid.** P. 60.

⁹⁵ Revista **Manchete**. Edição 417. 16/04/1960. P.8. Biblioteca Central (BCE). Acervo de Obras Raras, UnB.

⁹⁶ BARBOSA, Carlos Alberto Leite. **Ibid.** P. 58.

de coragem do candidato brasileiro no sentido de quebrar a cortina levantada em torno do regime cubano. Ao deixar uma coroa de flores no monumento de José Martí, herói da Independência de Cuba, o candidato foi aplaudido pelo povo nas ruas, aclamado como futuro presidente e lhe pediram o retorno a Havana depois de eleito. A frase que encerra esse ponto da matéria é “sem eleitores no Brasil, foi buscá-los em Cuba”.⁹⁷

O último parágrafo da matéria destacou o tratamento exímio que foi concedido a JQ pelos cubanos e pelo governo castrista. Quadros recebeu honras de chefe de Estado e ficou hospedado no melhor hotel de Havana. Em contrapartida, Fidel esperava, caso Jânio fosse eleito, uma reformulação nas relações bilaterais entre Brasil e Cuba, bem como apoio diplomático brasileiro no âmbito da Organização dos Estados Americanos.⁹⁸

De acordo com Maria Victória Benevides, as conversações com os países socialistas não conferiu a JQ um alinhamento político com os grupos das esquerdas brasileiras. A campanha de JQ, embasada na luta contra a corrupção, na busca pela austeridade e honestidade, foi repleta de oportunismo sem nenhuma ingenuidade. A defesa do desenvolvimento econômico e da consolidação da justiça social em momento algum se preocupou em questionar o regime capitalista, as relações de forças políticas e os problemas das desigualdades sociais.⁹⁹ Assim, a vassoura, símbolo máximo da campanha janista, não era uma inocente representação metafórica do utensílio doméstico, na realidade, o item

Mesmo apelando para as imagens mais tolas, tanto pode servir para varrer, como para, na superstição popular, afastar visitantes indesejáveis. (...) a varredura implica diversas versões de “sujeira”. Que podia ser a “sujeira da corrupção”, como também a da “plebe” que quer se mostrar – em toda a sua sujeira – participar, reivindicar ... “sujar o palco”.¹⁰⁰

A superficialidade da representação da campanha de JQ e do janismo nunca significou um movimento destinado a atender às reivindicações dos diversos setores sociais, mas pelo contrário, intencionava recrutar os eleitores em torno de defesas autoritárias, desmobilizando a participação político-eleitoral.

⁹⁷ Revista **Manchete**. Edição 417. 16/04/1960. P.8-9. Biblioteca Central (BCE). Acervo de Obras Raras, UnB.

⁹⁸ Revista **Manchete**. Edição 417. 16/04/1960. P.9. Biblioteca Central (BCE). Acervo de Obras Raras, UnB.

⁹⁹ BENEVIDES, Maria Victoria. **O governo Jânio Quadros**. P. 79.

¹⁰⁰ BENEVIDES, Maria Victoria. **O governo Jânio Quadros**. P. 9.

Capítulo 3 – A candidatura do Marechal Teixeira Lott.

3.1 – Golpe preventivo e nascimento da simbologia da espada: uma vida pela legalidade.

Henrique Batista Duffles Teixeira Lott era mineiro, filho de pequeno industrial e professora primária. Seguindo a tradição familiar tanto paterna quanto materna fez carreira militar.

Passou por várias escolas militares preparatórias e se formou como primeiro da turma diversas vezes. Na Revolução de 1930, Lott serviu como instrutor da Escola Militar, onde comandava um batalhão. Naquela ocasião já defendia que os militares tinham o dever de garantir o poder constituído legalmente e se posicionou contra o movimento. Acumulou diversos cargos militares em sua trajetória, até que em 1954, com o suicídio de Getúlio Vargas, e a consequente posse do vice-presidente Café Filho, Lott foi escolhido para ocupar o cargo de Ministro da Guerra.¹⁰¹

Após o suicídio de Vargas, o período foi marcado por conturbações e pela discussão sobre as eleições presidenciais. De dezembro de 1954 a outubro de 1955, civis e militares mantiveram as polêmicas em torno da proposta de adiantamento das eleições, da reforma eleitoral com a cédula única, das possibilidades de alianças formadas entre partidos adversários (PSD/UDN e PTB/UDN), e da tentativa de veto das candidaturas de Kubitschek e Goulart. A defesa de adiantar as eleições foi frustrada, contudo permanecia a pregação de Carlos Lacerda de que um golpe contra as instituições democráticas estava sendo armado. Formou-se imediatamente uma reação militar à candidatura de Kubitschek que se aproximava do PTB e de Goulart, trazendo de volta o temor da herança getulista. Porém, nos meios civis a repercussão da candidatura de JK era a da “bandeira do civilismo” e do aprimoramento democrático.¹⁰²

Eleitos em outubro de 1955, Kubitschek e Goulart tiveram suas posses ameaçadas por conspirações civis e militares, articuladas pela UDN que não aceitava a derrota nas urnas. Começaram a despontar mútuas acusações de “preparação ao golpe”, de um lado os udenistas e militares antigetulistas, de outro lado os partidos

¹⁰¹ Ver Henrique Teixeira Lott. Disponível em https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/biografias/Henrique_Teixeira_Lott Acesso em: 06/11/2018.

¹⁰² BENEVIDES, Maria Victória de Mesquita. **A UDN e o udenismo: a ambigüidade do liberalismo brasileiro 1945-1965.** São Paulo: Paz e Terra, 1981. P. 66-67.

situacionistas e militares legalistas. Os argumentos utilizados para contestar a vitória eleitoral da dupla dividiram-se em duas frentes: A “tática legalista” pautou-se na tese da maioria absoluta (JK somente obteve 36% do total dos votos em todo país) e na manutenção do pleito mesmo com a acusação de fraude eleitoral dos votos comunistas. A “tática golpista”, liderada por Carlos Lacerda, pregava o “estado de exceção” e a imediata anulação do pleito.¹⁰³

A intervenção do Ministro da Guerra foi desencadeada pela ocasião do enterro do General Canrobert Pereira da Costa, no qual o Coronel Jurandir Mamede afirmou que a posse dos eleitos seria "uma indisfarçável mentira democrática". Lott decidiu puni-lo, mas Carlos Luz, presidente em exercício decorrente do infarto de Café Filho, se recusou a cumprir a ordem militar. Lott renunciou ao cargo de ministro da Guerra, e o General reformado Fiuza de Castro foi indicado para substituí-lo. Contudo, o futuro marechal pediu um dia para que pudesse passar o cargo, solicitação que lhe foi atendida. Aproveitando da instabilidade política, Lott articulou a defesa da posse de JK e JG, com o apoio do General Odílio Denys, comandante da Vila Militar.¹⁰⁴

O contragolpe ou golpe preventivo de 11 de novembro de 1955 garantiu a posse dos eleitos ao tomar o controle militar do Rio de Janeiro. O presidente Carlos Luz, acompanhado de alguns ministros, oficiais e políticos, incluindo o coronel Mamede e Carlos Lacerda, embarcam no Cruzador Tamandaré vislumbrando um desembarque vitorioso em Santos. A tentativa foi frustrada pela ação do General Falconiere, quando o Tamandaré teve de retornar ao Rio de Janeiro. No dia 11, o Congresso reuniu-se e declarou o impedimento de Carlos Luz, ascendendo ao cargo o presidente do Senado Federal Nereu Ramos, que reconduziu Lott à pasta da Guerra. No dia 21 de novembro, Café Filho foi impedido pelo Exército de retornar à presidência da República e o Congresso aprovou o estado de sítio solicitado pelos ministros militares.¹⁰⁵ O PSD e o PTB votaram em sua maioria a favor do impedimento. A UDN e os partidos a ela ligados, PDC e PL, votaram quase por unanimidade contra o impedimento. O estado de sítio, que durou até 31 de janeiro de 1956, garantiu a posse dos eleitos, efetivando-se

¹⁰³BENEVIDES, Maria Victória de Mesquita. **A UDN e o udenismo: a ambigüidade do liberalismo brasileiro 1945-1965.** P. 70

BENEVIDES, Maria Victória de Mesquita. **A UDN e o udenismo: a ambigüidade do liberalismo brasileiro 1945-1965.** P. 71.

¹⁰⁵ Lamarão, Sérgio. Movimento de 11 de novembro. FGV-CPDOC. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/artigos/JkRumoPresidencia/11Novembro> Acesso: 01/10/2018.

assim o “golpe da legalidade”, no qual o nome do Marechal Lott seria lembrado por muito tempo.¹⁰⁶

No dia 11 de novembro de 1956, 15 mil pessoas estavam reunidas em frente ao Ministério da Guerra e ao Panteão de Caxias. João Goulart, oficiais-generais e muitos políticos estavam presentes na cerimônia. Goulart fez um discurso em favor do homenageado, Teixeira Lott, e depois lhe entregou a espada.

É isto que o 11 de novembro quer e pode significar: a reunião num mesmo setor de luta, numa mesma trincheira cívica, de todas essas forças ontem dispersas, que procuram encontrar-se no serviço da legalidade democrática e do desenvolvimento nacional, Sr. General Teixeira Lott. Esta espada é um símbolo da ordem e da lei. O povo brasileiro sabe arrebatar a espada àqueles que não a sabem usar, e, por isso mesmo, sabe quem deve e pode confiar para a sua defesa e das suas instituições. Esta é uma homenagem a V.Exa. e a todos os militares, comandantes e comandados, que em 11 de novembro souberam honrar seus compromissos com a legalidade, respeitando o pronunciamento das urnas e a vontade do povo. Receba esta espada como demonstração da fé e da confiança do povo no espírito democrático de suas Forças Armadas, sempre vigilantes na defesa da lei e no amor ao Brasil.¹⁰⁷

A espada foi feita na cidade gaúcha de Caxias do Sul e custou 405 mil cruzeiros, dinheiro arrecadado através de doações populares. O objeto tinha o punho e a bainha de ouro de 18 quilates. Na parte do punho, a inscrição: “civis e militares oferecem ao general Lott”, na lâmina outra inscrição: “A espada de novembro”.¹⁰⁸

A espada concedida a Lott que mais tarde se tornaria seu maior símbolo de campanha nas eleições presidenciais de 1960, apesar das críticas de alguns setores da sociedade civil e das forças Armadas, consagrou a imagem do Marechal como representante e defensor do nacionalismo e das instituições democráticas. A criação da imagem política do futuro candidato estava definitivamente associada à defesa da legalidade.¹⁰⁹

¹⁰⁶ BENEVIDES, Maria Victória de Mesquita. **A UDN e o udenismo**: a ambigüidade do liberalismo brasileiro 1945-1965. P.71.

¹⁰⁷ WILLIAM, Wagner. **O soldado absoluto**: uma biografia do marechal Henrique Lott. Rio de Janeiro: Record, 2006. P. 200.

¹⁰⁸ WILLIAM, Wagner. **Ibid.** P. 196.

¹⁰⁹ FERREIRA, Jorge. **O imaginário trabalhista**: getulismo, PTB e cultura política popular 1945-1964. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. P. 250.

A ascensão do nome do marechal surgiu naturalmente ao longo do governo de Juscelino, e ganhou força entre os nacionalistas. Contudo, Lott se recusava a ser candidato, não gostava de política e não queria participar da política eleitoral. Porém dois fatores lhe fizeram mudar de ideia quanto a concorrer às eleições: o primeiro diz respeito a como sua candidatura lhe foi apresentada, o colocaram diante de um impasse de aceitar ou negar a candidatura por medo dos riscos da campanha;¹¹⁰ e o segundo, de acordo com o próprio Marechal em entrevista ao CPDOC, em 1978, foi a urgência política do PSD, com exceção de JK, e do PTB de impedir a vitória da figura demagógica que despontava no cenário político: Jânio Quadros.

Quando se apresentou aquele cidadão como candidato por um partido que esposava ideias diametralmente opostas as que ele até então pregara, isto queria dizer que ele iria ser ferramenta desse partido. Eles iriam explorá-lo devido à sua demagogia, à sua penetração na massa popular, à sua capacidade de arrastar o povo mesmo tendo dados de seu despreparo, dado a maneira pela qual ele tinha agido nas funções anteriores. Isso era conhecido de muita gente, inclusive do pessoal da UDN que o tinha escolhido. Os elementos do outro lado, do PSD e etc., que não o queriam, por isso, vieram a mim e insistiram.¹¹¹

A ala moça do PSD em união com a Frente Parlamentar Nacionalista e com setores civis e militares nacionalistas – o grupo novembrista – consolidaram a candidatura do Marechal. Assim, em 12 de dezembro de 1959, por 2.387 votos contra 49 abstenções, a Convenção do PSD aprovou a indicação de Lott. Pelo PTB, o nome de Lott foi homologado na XII Convenção Nacional realizada de 17 a 19 de fevereiro de 1960, quando foi também aprovada a candidatura de João Goulart à vice-presidência.¹¹²

Em entrevista à **Manchete**, Armando Ribeiro Falcão, grande articulador da campanha de Kubitschek à presidência, afirmou que a candidatura de Lott nasceu de um movimento espontâneo dentro do PSD e do PTB, como reflexo da popularidade do Ministro da Guerra. Seu nome passou a ecoar nacionalmente nas mais diferentes camadas populares e sua candidatura era invencível, tudo era questão de tempo até que se consolidasse, em torno de seu nome, as forças que elegeram JK. Falcão previa ainda

¹¹⁰ WILLIAM, Wagner. **Ibid.** P. 253.

¹¹¹ LOTT, Henrique Batista Duffles Teixeira. Henrique Teixeira Lott (depoimento, 1978). Rio de Janeiro, FGV/CPDOC-História Oral, 2002. P. 101. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/historal/arq/Entrevista117.pdf>. Acesso em: 31/09/2018.

¹¹² D'ARAÚJO, Maria Celina de. **Sindicatos, carisma e poder: o PTB de 1945-65**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996. P. 129-130.

uma possível ampliação da base de apoio em prol da candidatura do Marechal. O golpe preventivo de Lott foi lembrado como um ato de comprometimento do Marechal com o seu país: “Nosso candidato empalmou a bandeira da legalidade e irá se eleger com ela. No dia 31 de 1961, para o bem do povo e da Nação, será empossado, na Presidência da República, o Marechal Henrique Teixeira Lott”.¹¹³

Quadros com sua vassoura prometia livrar o Brasil da corrupção, Lott por sua vez utilizava de sua relação com a força militar para empunhar a espada que combateria a crise e a desordem na política brasileira. Com relação a esses dois símbolos de campanha, Luiza Cristina Villaméa Cotta destaca a relação de antonímia desses objetos. Em oposição ao símbolo da vassoura e do jingle “varre, varre vassourinha varre toda a corrupção” Lott teria lançado o jingle Vassoura Americana, uma clara crítica à vassoura de piaçaba americana de Jânio Quadros e ao enaltecimento de sua espada feita de aço nacional.¹¹⁴

O povo sabe, sabe, e não se engana
Essa vassoura de piaçava americana
Mas a espada do nosso Marechal
É fabricada com aço nacional
Mas a espada do nosso Marechal
É fabricada com aço nacional.¹¹⁵

Com canções e símbolos distintos, tanto a representação de Jânio Quadros como a de Teixeira Lott exprimiam uma publicidade para construir um imaginário social acerca das figuras de ambos os candidatos e conseqüentemente convencer o eleitorado.

Na edição 386, de setembro de 1959, da Revista **Manchete**¹¹⁶, o periódico apresentou os dois candidatos. Intitulada “*Jânio descansa, mas trabalha*”, duas fotos retratam o presidencial: a primeira mostrou JQ e a família chegando ao hotel em Vigo, Espanha. A segunda exibiu Quadros sentado no jardim em La Toja, na Espanha, lendo cartas recebidas do Brasil enviadas pelos articuladores de sua campanha.

¹¹³ Revista **Manchete**. Edição 391. 29/10/1959. P. 69. Biblioteca Central (BCE). Acervo de Obras Raras, UnB.

¹¹⁴ COTTA, Luiza Cristina Villaméa. Adhemar de Barros (1901-1969): A origem do “rouba, mas faz”. Dissertação. (Dissertação em história). Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008. P. 27-28.

¹¹⁵ Jingle eleitoral: Vassoura Americana – Campanha Marechal Henrique Teixeira Lott. Disponível em: http://www.discosdobrasil.com.br/discosdobrasil/consulta/detalhe.php?Id_Musica=MU027073 Acesso em: 31/09/2018.

¹¹⁶ Revista **Manchete**. Edição 386. 01/09/1959. P. 80. Biblioteca Central (BCE). Acervo de Obras Raras, UnB.

Logo abaixo a fotografia de Lott expressava a fisionomia séria no rosto do Marechal, com seu uniforme militar e os lábios abertos. Com o título “*Lott na justiça: 6 horas de depoimento*”, a foto parece ter sido tirada enquanto o mesmo se pronunciava. O pequeno texto que acompanha a imagem informou que o marechal “sem dar indícios de cansaço” prestou depoimento durante 6 horas perante o Juiz Epaminondas Pontes sobre os eventos de 11 de novembro. Em sua fala afirmou que na época pairavam ares de conspiração, mas havia um plano definido para impedir a posse de JK. O plano articulado incluía desde estratégias de pressão à Justiça Militar ao pronunciamento militar que se destinava a interromper o processo democrático. A ação de 11 de novembro teria feito esse golpe ruir.

3.2 – O condutor que guiará a nação? Propostas e desenvoltura política.

Mantido Ministro da Guerra no Governo de JK, o marechal poderia continuar em seu cargo até 02 de abril, mas antecipou sua saída para se dedicar aos afazeres da campanha, e no dia 11 de fevereiro transferiu o ministério ao marechal Odílio Denys. Após a homologação da chapa Lott-Jango, em 19 de fevereiro, consolidou-se a união do líder das forças armadas com os sindicatos, “a aliança entre soldado e trabalhador, entre quartéis e sindicatos” que iria trabalhar na defesa da emancipação nacional e bem-estar dos brasileiros.¹¹⁷

A proposta de governo do Marechal era marcada por uma posição favorável ao patriotismo e ao nacionalismo, além de defender que seu governo manteria relações diplomáticas e comerciais apenas com os países que respeitassem a democracia. Ficava então excluída a possibilidade de abertura do Brasil aos países socialistas, ponto de divergência entre as propostas do Marechal e as de Jânio Quadros.¹¹⁸

No episódio do convite de Fidel Castro para que os dois presidentes – Lott e JQ – visitassem Havana, Lott recusou o convite afirmando que já tinha compromissos

¹¹⁷ D'ARAÚJO, Maria Celina de. **Ibid.** P. 132.

¹¹⁸ D'ARAÚJO, Maria Celina de. **Ibid.** P. 132.

com as esquerdas e não sentia necessidade de reforçar tal apoio com uma visita a Cuba.¹¹⁹

Lott foi um candidato apoiado pelos simpatizantes das esquerdas e discursava a favor de um anticomunismo extremado, o que lhe fez obter apoio de setores sociais conservadores.¹²⁰ Se eleito, seu comprometimento seria em levar a cabo uma reforma agrária nas terras da União, bem como manter os direitos dos trabalhadores. Outros pontos defendidos pelo Marechal eram a defesa intransigente do monopólio da Petrobrás e o voto do analfabeto.¹²¹

O Plano de Governo de Lott, intitulado *II Plano de Desenvolvimento Nacional*, incluía itens como a manutenção das instituições constitucionais; do ensino básico gratuito; a promoção do bem estar dos trabalhadores, assegurando uma remuneração condigna aos que viviam de salários; regulamentação do direito de greve; além da direção da previdência social exercida pelos próprios contribuintes.¹²² Outro ponto importante da plataforma lottista era o fortalecimento dos partidos políticos. Lott preconizava o voto exclusivamente de legendas com posterior escolha nas convenções partidárias como meio eficaz de combate ao personalismo, deflagrador de lutas internas e de rivalidades entre os correligionários.¹²³

Sua intenção era prosseguir com o plano econômico de JK e procuraria ser o “presidente de todos os brasileiros, tal como foi o Marechal Dutra”. Por meio de um nacionalismo prudente, não seria xenófobo e não nutriria aversão aos estrangeiros ou ao seu capital, mas deixava claro que não haveria capitulações quando estivesse em jogo a soberania e interesses brasileiros. Consciente do surto industrial, cuidaria da agricultura para que não se tornasse cada vez a maior a disparidade entre a prosperidade dos grandes centros e a miséria das zonas rurais. Sobre a educação, defendia o ensino

¹¹⁹ BARBOSA, Carlos Alberto Leite. **Desafio inacabado**: a política externa de Jânio Quadros. São Paulo: Atheneu, 2007. P. 59.

¹²⁰ BENEVIDES, Maria Victoria de mesquita. **O governo Jânio Quadros**. P. 25-26.

¹²¹ D'ARAÚJO, Maria Celina de. **Ibid.** P. 132.

¹²² Revista **Manchete**. Edição 435. 20/08/1960. P. 32. Biblioteca Central (BCE). Acervo de Obras Raras, UnB.

¹²³ Revista **Manchete**. Edição 401. 26/12/1959. P.8. Biblioteca Central (BCE). Acervo de Obras Raras, UnB.

público a cargo da União, Estados e Municípios, além do comprometimento com a pesquisa científica.¹²⁴

O teor desenvolvimentista do Plano era semelhante ao de JK, promover o desenvolvimento econômico como sinônimo intrínseco à soberania nacional. Contudo Lott, diferente de Kubitschek, pensava a desigualdade social como um problema que não se resolveria somente com o desenvolvimento econômico da nação. Para reduzir essa desigualdade era necessária uma política que ajudasse a diminuir a concentração de renda na mão de parcelas minoritárias da população e que favorecesse o desenvolvimento equilibrado de todas as regiões do país. Algumas medidas tomadas seriam: o estudo dos recursos naturais do país, destacando-se os minérios, solo para cultivo e fontes de energia; reformas na Constituição e na legislação fiscal relacionadas ao uso de recursos naturais; e utilização dos métodos de programação econômica oferecidas pelas modernas técnicas de gestão industrial.¹²⁵

A edição 410 de fevereiro de 1960 da **Manchete** produziu uma matéria sobre a saída do Marechal do Ministério da Guerra intitulada “*O adeus de Lott*”. A revista dedicou três páginas ao evento que reuniu um grande número de militares na Vila Maria e contava com uma imagem do Marechal Lott e de Odílio Denys desfilando em cima de um carro militar. Na última página destinada ao assunto, um dos tópicos trouxe como título “*Se eleito, será o continuador das metas de JK*” e reproduz o discurso do Marechal aos presentes no evento, no qual enfatizava seu comprometimento com a continuidade dos projetos desenvolvimentistas.

Na sua infância o Oeste era uma região selvagem e desconhecida, terra só de índios. Hoje, cortado por amplas estradas, vão surgindo, nesse interior outrora abandonado, mas hoje acessível, numerosos núcleos de população. Cresce o conceito do Brasil nos círculos internacionais, em que já não somos considerados potência de segunda ordem. Ao mesmo tempo, desenvolve-se a nossa indústria siderúrgica, amplia-se a produção do petróleo através da Petrobrás, agiganta-se a indústria automobilística. Tudo isso só não é sensível as mentalidades estreitas, inteiramente sobrepujadas por esse formidável impulso da nossa industrialização.¹²⁶

¹²⁴ Revista **Manchete**. Edição 401. 26/12/1959. P.8. Biblioteca Central (BCE). Acervo de Obras Raras, UnB.

¹²⁵ CARLONI, Karla Guilherme. **Ibid.** P. 195.-196.

¹²⁶ Revista **Manchete**. Edição 410-. 27/02/1960. P. 52. Biblioteca Central (BCE). Acervo de Obras Raras, UnB.

Apesar de se apresentar como um candidato com boas propostas, rigor no cumprimento da lei e comprometido com a democracia, o Marechal Henrique Teixeira Lott não possuía a destreza necessária ao exercício da política. Em 15 de julho de 1959, antes da homologação da candidatura, Kubistchek ao ser informado sobre a indicação do nome de Lott para candidato pelo PSD, o presidente secamente afirmou “Lott será um excelente presidente, mas é um péssimo candidato”¹²⁷.

Sua desenvoltura no cenário político foi alvo de críticas, não só por seus opositores, mas também dentro da própria organização partidária que o apoiou. A falta de carisma e jeito para a política foi frequentemente contrastada com a de seu concorrente JQ. Lott era um mau orador e com uma mensagem antiga, em decorrência da defesa do já conhecido plano desenvolvimentista de JK, enquanto Quadros era um excelente orador, detinha grandes recursos e representava uma nova ideia para o Brasil, apesar de ambígua.¹²⁸

Na edição de 5 de março de 1960, a Revista **Manchete** divulgou uma pesquisa de intenção de votos intitulada “*O IBOPE sonda e MANCHETE revela: Quem ganharia hoje?*”. A pesquisa mostrou a preferência de candidatos à presidência e à vice em dez cidades brasileiras. Jânio foi o favorito em seis cidades: Vitória (54%), Campinas (57%), Santos (64%), Curitiba (48%), Porto Alegre (33%) e Distrito Federal (38%). Já o Marechal Lott assumiu a liderança em quatro cidades: Fortaleza (48%), Recife (38%), Salvador (42%) e Belo Horizonte (48%). O candidato Adhemar de Barros não foi apontado como preferido em nenhuma dessas cidades, ficando em terceiro lugar em todas com exceção de Santos e Campinas, nas quais ocupou o segundo lugar. Para a vice-presidência Fernando Ferrari ganhou em oito cidades e João Goulart em duas.¹²⁹

O fenômeno Jânio Quadros estava crescendo ainda mais, e era necessário reverter esse quadro, era preciso garantir a vitória de Lott. De início se avaliou que a pouca empolgação com a campanha do marechal era semelhante àquela de Eurico Gaspar Dutra, que no começo não parecia promissora, mas que por fim obtivera um resultado favorável. A preferência por Jânio Quadros em São Paulo seria balanceada pelo lottismo crescente em Minas Gerais e no Rio Grande do Sul.

¹²⁷ WILLIAM, Wagner. **Ibid.** P. 255.

¹²⁸ IGLÉSIAS, Francisco. **Trajetória política do Brasil: 1500-1964.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993. P. 277.

¹²⁹ Revista **Manchete**. Edição 413-. 05/03/1960. P. 23. Biblioteca Central (BCE). Acervo de Obras Raras, UnB.

A expectativa era de que a campanha de Lott deslanchasse quando o candidato manobrasse nos bastidores e fizesse acordos. Fato que não ocorreu.¹³⁰ Avesso aos conchavos impostos pelo jogo político, quando aceitou ser candidato, condicionou sua candidatura à plena liberdade em relação aos partidos para constituir seu governo. Era contrário à ideia de que sua administração viesse a se transformar num “conglomerado de feudos políticos, de zonas de influência, de propriedades partidárias”. Lott optou por prosseguir com uma campanha limpa e honesta, mas fadada ao fracasso.¹³¹

3.3 – Ausência de apoio político e a indesejável relação com o comunismo.

“Mas Juscelino nunca interveio, nunca trabalhou em favor da minha candidatura. Nunca moveu uma pedra”.¹³² As palavras do próprio Marechal evidenciou a falta de apoio no decorrer da campanha, não só do presidente Kubitschek, mas também da própria aliança partidária que o lançou como candidato.

A falta de engajamento político e de recursos permeou toda a campanha do Marechal, as lideranças dos partidos pouco fizeram para alavancar a campanha, que já começou atrasada devido à recusa inicial do Marechal em aceitar sua candidatura. O presidente JK se manteve distante de todo o processo, afirmando que essa postura era necessária enquanto presidente. A posição neutra de Kubitschek foi mantida, até que pressionado por João Goulart que ameaçava retirar sua candidatura caso não fossem tomadas atitudes para que a campanha sucessória obtivesse êxito. Somente em outubro de 1959, JK deu apoio oficial à candidatura de Lott.¹³³

Jango teria afirmado que a campanha eleitoral não era só de interesse do marechal e dele próprio, mas também era o julgamento público do atual governo. Ainda afirmou que se permanecesse a falta de apoio político da base do governo “não teria caminho senão a renúncia. Por um simples motivo: a

¹³⁰ WILLIAM, Wagner. **Ibid.** P. 265.

¹³¹ D'ARAÚJO, Maria Celina de. **Ibid.** P. 130.

¹³² LOTT, Henrique Batista Duffles Teixeira. Henrique Teixeira Lott (depoimento, 1978). Rio de Janeiro, FGV/CPDOC-História Oral, 2002. P. 102. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/historal/arg/Entrevista117.pdf>. Acesso em: 03/10/2018.

¹³³ COUTINHO, Amélia. Henrique Batista Duffles Teixeira Lott. CPDOC-FGV. Verbete. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/henrique-batista-duffles-teixeira-lott>. Acessado em: 11/11/2018.

campanha eleitoral do marechal Lott estava sendo comprometida pela ação dos adversários e dos correligionários”.¹³⁴

O desgaste da aliança PSD/PTB representou a “deslegitimação do sistema partidário e do poder legislativo”. Visto que os dois partidos tinham agendas políticas distintas, a manutenção da aliança vitoriosa em 1955 somente por motivos eleitorais acabou gerando conflitos dentro da aliança e até mesmo dentro das próprias organizações partidárias.¹³⁵ Os nacionalistas do PSD resistiam a Lott por defender o voto aos analfabetos e a reforma agrária. Os pronunciamentos e as propostas do Marechal apresentavam um nacionalismo diferente daquele defendido pelo PTB, que através de uma aliança entre quartéis, sindicatos e partidos, passou a pleitear uma democracia militarizada, percebida como uma tentativa de partidarizar as Forças Armadas e transformá-las em agentes estratégicos de apoio às reformas de base.¹³⁶

Ao optar pela aliança com o PSD e os militares, o PTB apoiou Lott contra a vontade daqueles que pleiteavam candidatura própria. Leonel Brizola e Roberto da Silveira, os mais engajados nessa ideia, acabaram por ser derrotados devido à pressão da Frente Parlamentar Nacionalistas. Brizola e Silveira demoraram a se engajar na campanha presidencial por problemas regionais e também por entenderem que o PTB já havia amadurecido o suficiente para não ser mais subserviente ao PSD.¹³⁷

Os conflitos dentro da aliança partidária foram agravados por outros problemas que surgiam no decorrer da campanha que influenciaram no aumento da rejeição de Lott perante o eleitorado. Primeiro, a já comentada formação do Movimento Jan-Jan e da aceitação do vice João Goulart ao movimento. Em segundo lugar o apoio indesejado dos comunistas do PCB ao marechal. O mundo em 1960 se encontrava em meio aos embates da Guerra Fria, marcada por uma polarização ideológica que dividiu as nações entre capitalistas e socialistas/comunistas. Nas eleições presidenciais de 1955, o Partido Comunista do Brasil (PCB) apoiou a candidatura de Juscelino Kubistchek do PSD. A vitória de JK foi tomada pelos comunistas como o resultado da unidade das forças

¹³⁴ CARLONI, Karla Guilherme. **Ibid.** P. 210.

¹³⁵ SOUSA, Maria do Carmo Campello de. **Estado e Partido políticos no Brasil: (1930-1964)**. São Paulo: Alfa Ômega, 1976. P. 147.

¹³⁶ D'ARAÚJO, Maria Celina de. **Ibid.** P. 132.

¹³⁷ D'ARAÚJO, Maria Celina de. **Ibid.** P. 132.

democráticas contra as forças golpistas que articularam em torno da candidatura de Juarez Távora.¹³⁸

De acordo com Rodrigo Patto Sá Motta

No limiar da década de 1960, as bandeiras esquerdistas começaram a empolgar novos contingentes sociais, para além de intelectuais e ativistas sindicais, tradicionais fornecedores de quadros para os grupos radicais. Militantes católicos leigos e grandes quantidades de líderes estudantis fortaleceram o campo esquerdista, engrossando os movimentos favoráveis às transformações sociais.¹³⁹

Lott era um militar conservador, contrário ao comunismo e justificava sua posição, dentre outras razões, por ser nacionalista e por sua religiosidade. Posteriormente, Lott explicou sua posição:

Eu não sou ferrenho anticomunista, eu sou católico, apostólico, romano. O católico apostólico romano não é ferrenho anticomunista; ele acha que o comunismo não serve porque é anticristão, e tudo aquilo que é contra Cristo não pode ser apoiado por um católico apostólico romano. Este é o problema. Só que não sou ferrenho anticomunista; acho que o comunismo é nocivo, porque partindo de uma ideia de Marx originada na Inglaterra no início da idade industrial, quando a situação da sociedade era completamente outra, ele fala na tirania do proletariado. Essa ideia foi explorada e deturpada, pois em vez de ser o proletariado quem manda, é um cidadão qualquer, um Hitler, um Stálin ou coisa que o valha. Esse indivíduo domina um determinado país e se o país é poderoso e rico, tenta dominar a humanidade através da escravidão do seu povo. O seu povo não tem ideia, não tem liberdade, não tem nada. Ora, uma das ideias básicas do cristianismo é que nós todos somos irmãos e devemos, primeiro, amar a Deus acima de todas as coisas e depois amar ao próximo como a nós mesmos. Então, somos todos iguais e se somos todos iguais não pode haver ditadura nem do proletariado nem dos militares nem de quem quer que seja. Por isso, o comunismo é coisa errada.¹⁴⁰

¹³⁸ PANDOLFI, Dulce. **Camaradas e Companheiros**: História e Memória do PCB. Rio de Janeiro: Relume-Dumará – Fundação Roberto Marinho, 1995. P. 176-177.

¹³⁹ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o “perigo vermelho”**: O anticomunismo no Brasil (1917-1964), São Paulo: Perspectiva/FAPESP, 2002. P. 233.

¹⁴⁰ LOTT, Henrique Batista Duffles Teixeira. Henrique Teixeira Lott (depoimento, 1978). Rio de Janeiro, FGV/CPDOC-História Oral, 2002. P. 100-101. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/historal/arg/Entrevista117.pdf>. Acesso em: 03/10/2018.

Contudo, algumas propostas da candidatura Lott eram semelhantes às aquelas defendidas pelo PCB. Carloni analisa o apoio que a imprensa comunista dispensou à candidatura do Marechal. De acordo com a autora, Luís Carlos Prestes fazia declarações a favor do candidato. Um livreto intitulado “*Porque os comunistas apoiam Lott e Jango*” contemplou dois documentos escritos pelo líder comunista. O primeiro “*Os comunistas e a sucessão presidencial*”, escrito em setembro de 1959, declarou Lott como a melhor escolha para o triunfo do avanço nacionalista e do movimento operário democrático no Brasil. A defesa de Prestes era de que apesar da posição conservadora declarada do Marechal e opiniões inaceitáveis como a oposição às relações diplomáticas entre o Brasil e a URSS, Lott representava as forças progressistas e nacionalistas do Brasil.¹⁴¹

O segundo documento, publicado em março de 1960, chamado “*Pela vitória da causa nacionalista e democrática nas eleições presidenciais*” revelou uma mudança em relação ao candidato escolhido pelas correntes nacionalistas. Prestes afirmou que Lott ao ter contato com o eleitorado teria mudado e percebido os aspectos negativos do governo JK e, conseqüentemente, adotou uma política verdadeiramente nacionalista e democrática.¹⁴²

A **Manchete** utilizou o contraste das figuras de Lott e JQ para destacar aspectos positivos do Marechal em contraposição ao que seriam aspectos negativos da personalidade de JQ. Na edição 438, uma matéria que analisou os três candidatos à Presidência da República. O seguinte comentário é feito acerca do Marechal

Lott é desambicioso, e só pensa no bem geral, tendo dado sempre as mais indiscutíveis provas da sua desambição em momentos decisivos da história brasileira. Não tem planos que o levam ao personalismo oportunista. É sincero, e por isso não promete milagres. Não é demagogo, pois o seu espírito público coloca na frente, antes e acima de tudo, o bem do Brasil. O Brasil não precisa de algozes e sim de estadistas, e Lott é estadista nato, pelas virtudes, pela formação e pela índole.¹⁴³

¹⁴¹ CARLONI, Karla Guilherme. **Ibid.** P. 201.

¹⁴² CARLONI, Karla Guilherme. **Ibid.** P. 202-203.

¹⁴³ **Manchete**. Edição. 438. 03/09/1960. P.14-15. Biblioteca Central (BCE). Acervo de Obras Raras, UnB.

Na edição 402, de 2 de janeiro de 1960¹⁴⁴, a **Manchete** publicou uma matéria que comparava a imagem de Jânio Quadros e a do Marechal Teixeira Lott. Na figura 1, intitulada “*O condutor*”, o Marechal foi retratado de forma imperativa, sentado em frente a um mapa do Brasil, utilizando seu uniforme militar além de ostentar uma medalha em seu traje. A imagem de Lott nessa foto expressou as características que foram ressaltadas durante a sua campanha eleitoral: um homem da legalidade, preocupado com o progresso e o defensor da ordem democrática.



A figura 2, cujo nome é “*A nau desgovernada*”, mostrou o candidato Jânio Quadros em quatro expressões diferentes, representando a inconstância de sua candidatura e de seu posicionamento político conflituoso, uma vez que durante o processo de escolha do candidato, Quadros chegou a renunciar à candidatura presidencial. Essa instabilidade foi utilizada pelos adversários políticos para questionar a capacidade de Quadros de presidir o país.

¹⁴⁴ Revista **Manchete**. Edição 402. 02/01/1960. P.56-57. Biblioteca Central (BCE). Acervo de Obras Raras, UnB.



As imagens são acompanhadas por textos que destacaram algumas características dos candidatos. As informações sobre JQ receberam o título de “*Jânio Quadros, o mais discutido*”, e fizeram menção à renúncia da candidatura, sua volta à corrida presidencial e o difícil relacionamento do mesmo com os partidos que o apoiavam. Ainda comentaram sobre as inúmeras viagens internacionais que o candidato fez durante o período de campanha “Esquivo, dos trezentos e tanto deputados da Nação, foi o único que não subiu à tribuna e nem foi visto no plenário do Palácio Tiradentes. Em vez de se gastar, viajou”.

Lott por sua vez recebeu vários elogios, que se iniciaram no título “*Henrique Lott, o Bravo*”. O texto mencionou sua carreira militar e destacou sua personalidade e atributos de homem comprometido. “Lott não é sobrinho de ex-presidente. As glórias de sua família começam com ele” e “Homem íntegro e capaz, é a personalidade que mais tem se mantido no poder desde 1945. Governos têm passado e ele tem ficado”. Outro ponto interessante da redação sobre o Marechal localizou-se na conclusão do artigo: a revista **Manchete** tentou atenuar a questão do apoio comunista à candidatura de Lott. As palavras escolhidas para esclarecer que Lott não compactuava com os comunistas foram “Luis Carlos Prestes assegura-lhe os votos comunistas, afirmando que o que importa não é o que Lott pense deles, mas o que eles pensam de Lott”.

De acordo com Carloni, somente a conjuntura política mundial da época explica o apoio de simpatizantes das esquerdas a um militar, conservador e anticomunista. Lott

nesse contexto virou um símbolo de união entre os grupos militares e os civis nacionalistas ao defender as reformas de base, a política econômica nacional independente e a democracia. Sua candidatura convergiu com os interesses de parte das esquerdas brasileiras que vivia em um período de aposta no jogo democrático. O nome do Marechal reuniu os anseios políticos daqueles que desejavam uma sociedade mais justa, fossem eles do PCB, do PSD, PTB, ou até mesmo sem vinculação partidária.¹⁴⁵

No Brasil, o anticomunismo começou a ganhar força na medida em que a influência do Partido Comunista se expandia. De 1937 a 1964 a “ameaça comunista” foi utilizada como argumento político decisivo para justificar os golpes políticos, bem como para convencer a sociedade – ou pelo menos uma parcela dela – da necessidade de medidas repressivas contra as esquerdas.¹⁴⁶ O medo do avanço do comunismo fez com que muitos setores conservadores e a Igreja católica vissem no Marechal a imagem da “ameaça vermelha”.¹⁴⁷

A falta de engajamento dos caciques da coligação que o lançara candidato, o apoio indesejado de parte dos comunistas, a falta de desenvoltura política e a ascensão do fenômeno Jânio Quadros foram pontos frágeis da campanha do marechal e que contribuíram, em intensidades diferentes, para a derrota do candidato da coligação PSD/PTB. Com a vitória de JQ, Lott acertou na previsão que fizera ao saber o resultado das urnas “Ele, na presidência, não dura uma gestão”¹⁴⁸. Eleito com 5.036.623 de votos¹⁴⁹, Quadros permaneceu na presidência da República por quase sete meses.

¹⁴⁵ CARLONI, Karla Guilherme. **Ibid.** Pp. 208-209.

¹⁴⁶ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Ibid.** P. 7.

¹⁴⁷ CARLONI, Karla Guilherme. **Ibid.** P. 214.

¹⁴⁸ WILLIAM, Wagner. **Ibid.** P. 354.

¹⁴⁹ Brasil. TSE. Dados Estatísticos. Vol. 5: **Eleições federais e estaduais, realizadas no Brasil em 1960.** Departamento de Imprensa Nacional. Disponível em: <http://bd.camara.gov.br/bd/handle/bdcamara/13037>. Acessado em: 10/10/2018.

Considerações Finais.

A eleição presidencial de 1960 apresentou três perfis de candidatos muito distintos. Jânio Quadros tinha propostas de moralização e desburocratização da administração pública e combate incisivo à corrupção. Atacava os governantes anteriores e os responsabilizava pela crise econômica e social que o Brasil estava vivendo. O Marechal Henrique Teixeira Lott resistiu inicialmente à ideia de ser candidato à presidência. Fiador da manutenção da legalidade constitucional no final de 1955 e início de 1956 e ministro da Guerra no governo de Kubitschek, Lott pautou sua candidatura como continuador dos projetos nacional-desenvolvimentistas de JK. Adhemar de Barros, realizador de obras monumentais – e superfaturadas – criticava arduamente seus dois opositores, e através de ações paternalistas angariava apoio popular.

Todos os candidatos utilizaram a propaganda e a veiculação de informações para difundir suas propostas, criticar os demais candidatos e tentar se sobressair na preferência do eleitorado. Atitude recorrente na política, o acesso aos meios de comunicação pode causar o apogeu ou a queda de um candidato devido à amplitude do seu poder de propagação. Na concepção de Jean Merie Domenach, “desde que existem competições políticas, isto é, desde o início do mundo, a propaganda existe e desempenha seu papel”¹⁵⁰. Uma vez que a força se fundamenta na apreciação do eleitor, os governos e os governantes necessitam da opinião pública, sendo o trabalho do propagandista e do repórter o de influir na atitude das pessoas no tocante a pontos submetidos aos impactos da propaganda/publicidade e da informação.

A divulgação das eleições feita pela revista **Manchete** durante o período de campanha eleitoral de 1959/1960 apresentou uma narrativa que favoreceu um determinado candidato em detrimento dos outros. O dono e presidente da **Manchete**, Adolpho Bloch, já havia utilizado seu periódico para transmitir os feitos do Presidente JK, com o qual mantinha uma relação de amizade. Essa relação parece ter sido decisiva na posição adotada pela Revista ao apoiar o candidato Henrique Teixeira Lott e desfavorecer seus concorrentes, Jânio Quadros e Adhemar de Barros.

Assim, é necessário refletir sobre as possíveis narrativas construídas a partir de matérias jornalísticas que apresentaram notícias sobre o processo eleitoral, seus

¹⁵⁰ DOMENACH, Jean-Marie. **A propaganda política**. 2ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro. 1936. P. 5.

candidatos, suas relações com a formação da opinião pública e o resultado do pleito. Fragmentações, ocultações e distorções de narrativas estavam presentes no cotidiano da imprensa. A imprensa deveria resguardar o interesse público e noticiar com imparcialidade os fatos de interesse do cidadão, contudo pode ser observada ao longo do percurso histórico que ao deter o poder de controlar a informação e formar opinião, a imprensa tornou-se porta-voz dos interesses de determinados grupos sociais.

Fontes.

Depoimento.

LOTT, Henrique Batista Duffles Teixeira. Henrique Teixeira Lott (depoimento, 1978). Rio de Janeiro, FGV/CPDOC-História Oral, 2002. Pp. 100-101. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/historal/arq/Entrevista117.pdf>. Acesso em: 03/10/2018

Documentos.

BRASIL. **Constituição (1946). Constituição de 1946 dos Estados Unidos do Brasil.** Câmara dos Deputados. Rio de Janeiro, 18 de set. 1946. Capítulo III. Seção I. Artigo 139. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao46.htm. Acessado em: 11/06/2018.

BRASIL. **Constituição (1988). Constituição de 1988 da República Federativa do Brasil.** Câmara dos Deputados. Brasília. Artigo 81 e Artigo 14, § 5º. De acordo a com redação da emenda constitucional nº. 16, de 04 de junho de 1997. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm. Acessado em: 11/06/2018.

Brasil. TSE. Dados Estatísticos. Vol. 5: **Eleições federais e estaduais, realizadas no Brasil em 1960.** Departamento de Imprensa Nacional. Disponível em: <http://bd.camara.gov.br/bd/handle/bdcamara/13037>. Acessado em: 10/10/2018

Jingles eleitorais.

Jingle eleitoral: Jan Jan. Campanha Jânio Quadros e João Goulart. Disponível em: http://www.discosdobrasil.com.br/discosdobrasil/consulta/detalhe.php?Id_Musica=MU027079 Acesso em: 31/09/2018.

Jingle eleitoral: Varre Varre. Campanha Jânio Quadros. Disponível em: http://www.discosdobrasil.com.br/discosdobrasil/consulta/detalhe.php?Id_Musica=MU027077 Acesso em: 31/09/2018.

Jingle eleitoral: Vassoura Americana – Campanha Marechal Henrique Teixeira Lott. Disponível em: http://www.discosdobrasil.com.br/discosdobrasil/consulta/detalhe.php?Id_Musica=MU027073 Acesso em: 31/09/2018.

Periódicos.

Manchete. Edição 383-. 22/08/159. P. 21. Biblioteca Central (BCE). Acervo de Obras Raras, UnB.

_____. Edição 386. 01/09/1959. P. 80. Biblioteca Central (BCE). Acervo de Obras Raras, UnB.

_____. Edição 390. 22/10/1959. P. 41. Biblioteca Central (BCE). Acervo de Obras Raras, UnB.

_____. Edição 391. 29/10/1959. P. 69. Biblioteca Central (BCE). Acervo de Obras Raras, UnB.

_____. Edição 396. 21/11/1959. P. 10. Biblioteca Central (BCE). Acervo de Obras Raras, UnB.

_____. Edição 398. 05/12/1959. P. 70. Biblioteca Central (BCE). Acervo de Obras Raras, UnB.

_____. Edição 399. 11/12/1959. P.11. Biblioteca Central (BCE). Acervo de Obras Raras, UnB.

_____. Edição 400. 19/12/1959. P. 31. Biblioteca Central (BCE). Acervo de Obras Raras, UnB.

_____. Edição 401. 26/12/1959. P. 8. Biblioteca Central (BCE). Acervo de Obras Raras, UnB.

_____. Edição 402. 02/01/1960. P. 56-57. Biblioteca Central (BCE). Acervo de Obras Raras, UnB.

_____. Edição 405. 23/01/1960. P. 21. Biblioteca Central (BCE). Acervo de Obras Raras, UnB.

_____. Edição 410-. 27/02/1960. P. 52. Biblioteca Central (BCE). Acervo de Obras Raras, UnB.

_____. Edição 413-. 05/03/1960. P. 23. Biblioteca Central (BCE). Acervo de Obras Raras, UnB.

_____. Edição 417. 16/04/1960. P. 8. Biblioteca Central (BCE). Acervo de Obras Raras, UnB.

_____. Edição 419. 30/04/1960. P. 18. Biblioteca Central (BCE). Acervo de Obras Raras, UnB.

_____. Edição 435. 20/08/1960. P 32. Biblioteca Central (BCE). Acervo de Obras Raras, UnB.

_____. Edição 438. 03/09/1960. P. 36. Biblioteca Central (BCE). Acervo de Obras Raras, UnB.

_____. Edição 441. 01/10/1960. Disponível em:
<http://www.youblisher.com/p/1110955-Manchete-441-1-out-1960/>. Acessado em:
20/05/2018.

Referências Bibliográficas.

Artigo, Dissertações, Teses e Verbetes.

AMORIM, Rosy Mary Guerra. O Governo JK e a revista Manchete: a criação do mito dos anos dourados. Dissertação. Rio de Janeiro: CPDOC, 2008.

ANDRADE, Ana Maria Ribeiro de; CARDOSO, José Leandro Rocha. Aconteceu, virou manchete. In **Revista Brasileira de História**. São Paulo. V. 21, nº 41, p. 243-264, 2001. Disponível em: <file:///C:/Users/francisco/Desktop/revista%20manchete/artigo%20manchete.pdf> Acessado em: 11/11/2018.

BENEVIDES, Maria Victória de Mesquita. A esperança como fator de desenvolvimento. In GOMES, Ângela de Castro (org.). **Brasil de JK**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

Cadernos de Comunicação, n. 3, Série Memória (2002). Cruzeiro: a maior e melhor revista da América Latina. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, Secretaria Especial de Comunicação Social. Disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4204434/4101414/memoria3.pdf> Acessado em: 31/07/2018.

CARLONI, Karla Guilherme. Marechal Henrique Teixeira Lott: A opção das esquerdas. Dissertação (Dissertação em história). Universidade Federal Fluminense. Niterói. 2010.

COTTA, Luiza Cristina Villaméa. Adhemar de Barros (1901-1969): A origem do “rouba, mas faz”. Dissertação. (Dissertação em história). Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008.

COUTINHO, Amélia. Henrique Batista Duffles Teixeira Lott. CPDOC-FGV. Verbetes. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/henrique-batista-duffles-teixeira-lott>. Acessado em: 11/11/2018.

FERREIRA, Marieta de Moraes; MESQUITA, Claudia. Os anos JK no acervo da Biblioteca Nacional. In: BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). *Brasiliana da Biblioteca Nacional-guia de fontes sobre o Brasil* / Organização Paulo Roberto Pereira. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional; Nova Fronteira, 2001. Il. P. 3. Disponível em: https://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arq/1283.pdf Acessado em: 15/08/2018.

GOMES, Ângela de Castro. Uma breve história do PTB. Rio de Janeiro: CPDOC, 2002. Trabalho apresentado na Palestra no I Curso de Formação e Capacitação Política,

realizado na Sede do PTB. São Paulo, 13. jul. 2002. P. 2. Disponível em: https://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arq/1280.pdf Acessado em: 02/08/2018.

GROSSI, Eduardo. Jânio Quadros: as representações metafóricas da vassoura no imaginário popular. In QUEIROZ, Adolpho. **Na arena do marketing político: ideologia e propaganda nas campanhas presidenciais brasileiras**. São Paulo, Summus Editorial, 2006.

LAMARÃO, Sérgio. Movimento de 11 de novembro. FGV-CPDOC. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/artigos/JkRumoPresidencia/11Novembro> Acesso: 01/10/2018.

MAUAD, Ana Maria. Através da Imagem: fotografia História - interfaces. In **Revista Tempo**, Rio de Janeiro, vol. 1, nº. 2, 1996. Disponível em: http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_dossie/artg2-4.pdf Acessado em 09/11/2018.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. O governo JK nas páginas da Manchete. CPDOC-FGV. Disponível em: http://www.cpdoc.fgv.br/nav_jk/O_Brasil_de_JK/O_governo_JK_na_Manchete.asp. Acessado em: 24/06/2018.

QUELER, Jefferson José. Entre o mito e a propaganda política: Jânio Quadros e a sua imagem pública (1959-1961). Dissertação. (Dissertação em história). Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2008.

Livros.

BARBOSA, Carlos Alberto Leite. **Desafio inacabado: a política externa de Jânio Quadros**. São Paulo: Atheneu, 2007.

BENEVIDES, Maria Victória de Mesquita. **A UDN e o udenismo: a ambiguidade do liberalismo brasileiro 1945-1965**. São Paulo: Paz e Terra, 1981.

_____. **O governo Jânio Quadros**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

BIELSCHOWSKY, Ricardo. **Pensamento econômico brasileiro: o ciclo ideológico do desenvolvimentismo**. 5. Ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

CABRAL, Castilho. **Tempos de Jânio e outros tempos**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1962.

CARDOSO, Miriam Limoeiro. **Ideologia do desenvolvimento – Brasil: JK-JQ**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

CASTRO, Viriato de. **Espada x Vassoura: Marechal Lott**. São Paulo: Palácio do. Livro, 1959.

COUTO, Ari Marcelo Macedo. **Adhemar de Barros: práticas e tensões políticas no poder.** São Paulo: EDUC, 2009.

D'ARAÚJO, Maria Celina de. **Sindicatos, carisma e poder: o PTB de 1945-65.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996.

DOMENACH, Jean-Marie. **A propaganda política.** 2ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1936.

FERREIRA, Jorge. **O imaginário trabalhista: getulismo, PTB e cultura política popular 1945-1964.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

GOMES, Ângela de Castro; FERREIRA, Jorge. **Jango: as múltiplas faces.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

IGLÉSIAS, Francisco. **Trajetória política do Brasil: 1500-1964.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

JORGE, Salomão. **A vida do Marechal Lott: a espada a serviço da lei.** São Paulo: EDIGRAF, 1960.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura.** Barueri, SP: Manole, 2004.

MARKUN, Paulo; HAMILTON, Duda. **1961: o Brasil entre a ditadura e a guerra civil.** São Paulo: Benvirá, 2011.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o “perigo vermelho”:** O anticomunismo no Brasil (1917-1964), São Paulo: Perspectiva/FAPESP, 2002.

MUNTEAL, Oswald; GRANDI, Larissa. **A imprensa na História do Brasil: foto jornalismo no século XX.** Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2005.

NASCIMENTO, Patrícia Ceolin. **Jornalismo em revistas no Brasil: um estudo das construções discursivas em Veja e Manchete.** São Paulo: Annablume, 2002.

NETO, João Mellão. **Jânio Quadros: 3 estórias para 1 história.** São Paulo: Editora Renovação, 1982.

PANDOLFI, Dulce. **Camaradas e Companheiros: História e Memória do PCB.** Rio de Janeiro: Relume-Dumará: Fundação Roberto Marinho, 1995.

SILVA, Hélio. **História da república brasileira: a renúncia 1961.** Rio de Janeiro: Três, 1975.

SKIDMORE, Thomas. **Brasil: de Getúlio a Castelo.** 13 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

SOUSA, Maria do Carmo Campello de. **Estado e Partido políticos no Brasil (1930-1964).** São Paulo: Alfa Ômega, 1976.

VICTOR, Mario. **5 anos que abalaram o Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

WILLIAM, Wagner. **O soldado absoluto**: uma biografia do marechal Henrique Lott. Rio de Janeiro, Record, 2006.

DECLARAÇÃO DE AUTENTICIDADE

“Eu, Giovanna Nascimento Alves, declaro para todos os efeitos que o trabalho de conclusão de curso intitulado “Eleições presidenciais de 1960: A campanha de Jânio Quadros e Henrique Teixeira Lott nas páginas da Revista Manchete (1959-1960)” foi integralmente por mim redigido, e que assinaei devidamente todas as referências a textos, ideias e interpretações de outros autores. Declaro ainda que o trabalho nunca foi apresentado a outro departamento e/ou universidade para fins de obtenção de grau acadêmico.”

Giovanna Nascimento Alves